

PSIQUE & NEGRITUDE



OS EFEITOS
PSICOSSOCIAIS
DO RACISMO

Conselho Editorial

5 Elementos - Instituto de Educação e Pesquisa Ambiental
Ação Educativa - Assessoria Pesquisa e Informação
ANDI - Agência de Notícias dos Direitos da Infância
Ashoka - Empreendedores Sociais
Cedac - Centro de Educação e Documentação para Ação Comunitária
CENPEC - Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária
Conectas - Direitos Humanos
Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do Adolescente
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Instituto Kuanza
ISA - Instituto Socioambiental
Midiativa - Centro Brasileiro de Mídia para Crianças e Adolescentes

Comitê Editorial

Antonio Eleilson Leite - Ação Educativa
Amabile Mansutti - CENPEC
Denise Conselheiro - Conectas
Françoise Otondo - Ashoka
Hubert Alquéres - Imprensa Oficial
Liegen Clemmyl Rodrigues - Imprensa Oficial
Luiz Alvaro Salles Aguiar de Menezes - Imprensa Oficial
Maria Angela Leal Rudge - CENPEC
Maria de Fátima Assumpção - Cedac
Maria Inês Zanchetta - ISA
Monica Pilz Borba - 5 Elementos
Rosane da Silva Borges - Instituto Kuanza
Vera Lucia Wey - Imprensa Oficial

OS EFEITOS PSICOSSOCIAIS DO RACISMO

*“O que havia de mais difícil
nas nações antigas era modificar a lei;
nas modernas,
é modificar os costumes e,
para nós, a dificuldade real
começa onde a antiguidade
a via terminar...”*

*A lei pode destruir a servidão;
mas...(como) fazer desaparecer
as suas marcas (?).”*

Aléxis de Tocqueville (1805-1859)
A Democracia na América.

**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**

Governador José Serra

imprensaoficial

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

Diretor-presidente Hubert Alquéres

Diretor Industrial Teiji Tomioka

Diretor Financeiro Clodoaldo Pelissioni

Diretora de Gestão de Negócios Lucia Maria Dal Medico



INSTITUTO AMMA PSIQUE E NEGRITUDE

Diretora-presidente
Diretora Administrativa
Diretora Financeira

Maria Lúcia da Silva
Maria de Lourdes Araújo Almudi
Fabiane da Silva Reginaldo

OS EFEITOS PSICOSSOCIAIS DO RACISMO



imprensaoficial

São Paulo, 2008

SUMÁRIO

09 PALAVRAS INICIAIS

12 APRESENTAÇÃO INSTITUCIONAL

14 POR QUE DISCUTIR OS EFEITOS
PSICOSSOCIAIS DO RACISMO?

16 A FORMAÇÃO E O MÉTODO



22 O CONTO E A HISTÓRIA

29 A EDUCAÇÃO

38 O OLHAR

47 O CORPO

57 A DOMINAÇÃO



72 IMPACTOS

74 GLOSSÁRIO

78 PARA SABER MAIS

79 PARTICIPANTES,
FORMADORES,
FACILITADORAS

83 APOIOS






PALAVRAS INICIAIS

A suposta inferioridade do negro e a crença na supremacia de um grupo sobre outro foram sustentadas pela ciência do século XIX, com o intuito de justificar a escravização de negros.

O período escravagista foi marcado pela forma animalizada e coisificada como o africano era tratado , uma estratégia que resultou na construção de uma imagem desumanizada do negro, e na desconstrução de sua identidade.

Outra herança da escravização é o conjunto de atributos destinado ao negro, que permanece vivo e atuante no inconsciente coletivo. A sua exclusão do processo produtivo, após a abolição, promoveu uma situação social na qual foram reforçados estigmas e estereótipos tais como: “incompetentes, preguiçosos e indolentes, malandros, sujos, marginais...”. Essas representações, mediadoras das relações interétnico-raciais, mantém e reproduzem o racismo.

Os sentimentos de inferioridade e de não pertencimento à categoria de humanos – nefastos efeitos do racismo – são responsáveis pelo acometimento à saúde psíquica da população negra.



É neste cenário e com estas reflexões que o Instituto AMMA Psique e Negritude constata que as leis antidiscriminatórias, embora de fundamental importância para a democracia racial, não conseguiriam, por si só, eliminar o preconceito, pois para tanto também é necessário intervir em crenças e valores de longa existência.

Assim, desde sua fundação, o Instituto AMMA tem por desafio investigar a dimensão psicológica do racismo através de uma abordagem psicossocial e buscar compreender a dinâmica dos mecanismos discriminatórios que fazem perpetuar as desigualdades étnico-raciais.

A partir de reflexões e experiências, o Instituto AMMA desenhou uma proposta piloto de formação sobre "Os Efeitos Psicossociais do Racismo", voltada para educadores, psicólogos, trabalhadores da área da saúde em geral e militantes do movimento negro.

Este projeto foi realizado em 2004, em São Paulo, com o objetivo principal de desenvolver habilidades para a “elaboração dos sentidos do racismo inscritos na psique”. Sentidos estes que não são apreendidos completamente na luta política contra a discriminação racial, devendo ser “enfrentados tanto politicamente quanto psicologicamente”. As marcas emocionais, causadas por uma discriminação continuada, exigem estratégias de defesa e, ao mesmo tempo, recursos internos para “ir adiante”.

Todos sabem das peculiaridades do racismo à brasileira – um racismo sem racistas. A pessoa negra conhece a discriminação desde seus primeiros anos de vida, sem que nunca o outro lado se declare. Quando perguntamos para a maioria dos brasileiros: “Você é racista?” A resposta invariável é: “Não.”.

As instituições públicas também se declaram não-racistas, universalistas. No entanto, não é o que experimenta a criança negra, por exemplo, na escola. Para ela, a escola pode tornar-se num espaço de exclusão. O contexto, à sua volta, muitas vezes, reproduz experiências de rebaixamento concorrendo para o enfraquecimento da auto-estima e para o desencorajamento. Alguns fatos relacionados a isso incluem a maneira pela qual a história do povo negro brasileiro foi, tradicionalmente, contada; a forma pela qual o negro é representado nos livros didáticos e na mídia (submisso ou coadjuvante); os apelidos postos pelos coleginhas brancos: “macaco, piche, cabelo ruim”, entre outros.

A longa exposição às situações de desvalorização causa efeitos múltiplos de dor, angústia, insegurança, auto-censura, rigidez, alienação, negação da própria natureza e outros, deixando marcas profundas na psique. Como lidar com essa realidade? Como proteger a saúde psíquica? Como estabelecer o diálogo entre as populações cultural e fenotipicamente diferentes? Como ampliar as ações de políticas públicas para a superação do massacre psicológico sofrido pela população negra?

Grandes perguntas que só podem ser respondidas com determinação e com muito trabalho. A Formação sobre "Os Efeitos Psicossociais do Racismo" é parte desse trabalho.



APRESENTAÇÃO INSTITUCIONAL

ORIGEM

O Instituto AMMA Psique e Negritude é uma organização não-governamental que foi criada, em 1995, por um grupo de psicólogas¹ com o objetivo de trabalhar as complexas relações inter-étnico-raciais, em especial as relações entre populações fenotipicamente diferentes, por meio de uma abordagem psicossocial. Por entenderem que muitas das representações que habitam o imaginário brasileiro foram constituídas a partir de idéias racistas, de certa época, e que continuam a se reproduzir, ao longo do tempo, causando sérias conseqüências à saúde psíquica da população negra, optou-se por um trabalho visando resgatar a auto-estima da população negra e promover a conscientização sobre os efeitos do racismo para a sociedade.

MISSÃO

Elaboração das conseqüências do racismo introjetado.

ESTRATÉGIA

Estimular o Diálogo entre populações cultural e fenotipicamente diferentes.

ÁREAS DE ATUAÇÃO

Direitos Humanos, Saúde, Educação, Psicologia.

ATIVIDADES

Oficinas de sensibilização para o reconhecimento do racismo institucional;

Ciclos formativos sobre os efeitos psicossociais do racismo;

Assessoria para grupos, instituições, organizações governamentais e não-governamentais; bem como para profissionais das áreas de saúde e educação;

Grupos de discussão e de vivência temáticos;

Orientação Familiar;

Produção de conhecimento.

CONSELHO DIRETIVO

Ana Clara Demarchi Bellan

Elisabeth Belizário

Fabiane da Silva Reginaldo

Jussara Dias

Márcia Ferreira Meireles

Maria de Lourdes Araújo Almudi

Maria Letícia Puglisi Munhoz

Maria Lúcia da Silva

Marilza de Souza Martins

Regina Maria Ferreira de Oliveira

Rosa Maria Alves de Almeida

REPRESENTAÇÕES

Comitê Técnico de Saúde da População Negra. Secretaria Estadual da Saúde. São Paulo.

PARCERIAS

Ashoka – Empreendimento Social

Fundo Ângela Borba

Global Fund for Women

Hospital Geral de São Mateus

Instituto de Análise Bioenergética de São Paulo

Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário

Instituto Papai

PRÊMIO, MENÇÕES

Prêmio Franz de Castro Hotzwarth de Direitos Humanos oferecido pela Ordem dos Advogados do Brasil - OAB - Seção São Paulo, na categoria Menção Honrosa, em 2006.

AMMA

Deus AMMA - espírito fecundador, verbo original, inaugurador de todas as coisas - é simbolizado por um pote envolto por uma espiral de cobre vermelho em três voltas.

Para nós, do Instituto AMMA, a espiral é um símbolo muito especial. Ela representa um crescimento sem deformar sua base original. Crescer sem destruir a própria essência nos parece a grande lição da espiral.

POR QUE DISCUTIR OS EFEITOS PSICOSSOCIAIS DO RACISMO?

*Entrevista com Maria Lúcia da Silva,
Presidenta do Instituto AMMA Psique e Negritude*

Maria Lúcia - *As conquistas do Movimento Social Afro-brasileiro, no âmbito da legislação e das ações políticas, não têm sido suficientes para as mudanças necessárias das relações interétnico-raciais do país. Por exemplo, o debate sobre as ações afirmativas, embora respaldado pela demonstração das precárias condições materiais de existência da população negra, não tem sensibilizado a sociedade a ponto de legitimar a sua aplicação enquanto instrumento de superação das desigualdades, que perpetuam há séculos, provocadas pelo racismo.*

As ações afirmativas não se popularizaram?

Maria Lúcia - Ainda não. Temos assistido frequentemente a manifestações que evidenciam a resistência da sociedade em relação às ações afirmativas. Há um discurso que responsabiliza os negros por eventuais retrocessos e que caracteriza as ações afirmativas como um racismo às avessas. Também é notável que maior consciência e maior conhecimento da realidade, por parte de setores da população negra, não são suficientes para desconstruir o discurso racista. Esta situação nos leva a buscar outras dimensões do conhecimento, para a compreensão da perpetuação das práticas discriminatórias.

Como a compreensão da dimensão subjetiva do racismo pode ajudar?

Maria Lúcia - É necessário saber que as relações entre brancos e negros estão permeadas por representações que precisam sair do plano latente e vir para o plano da consciência. Isto também significa que ações envolvendo a dimensão subjetiva do racismo precisam ser introduzidas na pauta do Movimento Negro, descortinando o impacto da imagem que brancos e negros têm de si e do outro. Essas imagens manifestam-se por meio de atitudes, brincadeiras, chacotas, desrespeitos, humilhações. As ações que praticamos no cotidiano estão mediadas por fatores subjetivos que, na maioria das vezes, desconhecemos. Levar em consideração este aspecto será um passo importante para começarmos a compreender de que lugar se fala. A idéia é trabalhar a conexão entre percepção, sentimento, ação. Tal conexão poderá facilitar a busca de saídas mais satisfatórias.

Quais os objetivos principais da Formação?

Maria Lúcia - A formação “os efeitos psicossociais do racismo” é parte de uma proposta mais ampla que visa à elaboração do racismo introjetado através de uma abordagem psicossocial, com vistas a favorecer o estabelecimento de novos parâmetros de convivência. Esperamos também, a partir da formação, criar uma rede de interlocutores na área de saúde mental e educação.

É uma formação só para pessoas negras?

Maria Lúcia - Não. Um dos princípios fundamentais da nossa atuação é o estímulo ao diálogo interétnico-racial.

A FORMAÇÃO E O MÉTODO

A formação sobre **Os Efeitos Psicossociais do Racismo** foi desenvolvida em módulos no formato de woorkshop residencial e de oficinas, totalizando 120 horas de atividades, das quais 80 horas foram presenciais e 40 horas foram dedicadas a trabalho de investigação.

A experiência buscou sensibilizar e habilitar os participantes para avaliar e monitorar suas práticas cotidianas, no que diz respeito ao enfrentamento da discriminação racial. Tal medida faz parte de uma estratégia para a desconstrução do racismo introjetado e, conseqüentemente, para a superação dos efeitos do racismo na dimensão psíquica dos indivíduos.

A metodologia contemplou exposições dialogadas, dinâmicas de grupo, expressão corporal e gráfica, tudo partindo, na maioria das vezes, da realidade dos participantes.



OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Possibilitar aos participantes a apropriação de suas vivências de exclusão, de emoções e efeitos gerados pelo racismo e práticas discriminatórias;
- Subsidiar os participantes na construção e implementação de ações para resolução de conflitos interétnico-raciais vivenciados em seu cotidiano pessoal e profissional;
- Fortalecer a auto-estima dos participantes por meio da identificação de recursos pessoais e profissionais disponíveis para lidar com os efeitos psicológicos do racismo.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

- As estratégias de **transferência de conhecimentos**, por meio da concepção interdisciplinar, privilegiando as áreas de psicologia, psicanálise, sociologia, história e educação.
- O **acolhimento** das emoções dos participantes e a **escuta atenta** sobre suas vivências de humilhação e exclusão.
- O **grupo** como espaço privilegiado de apropriação de vivências de exclusão e a construção coletiva de um saber sobre si e sobre o outro.
- A **auto-observação** e o **registro** de situações de discriminação vivenciadas e/ou testemunhadas através das interações sociais, ou de veículos de comunicação.
- O **educador** enquanto sujeito privilegiado para desencadear processos de mudança de atitude.
- A prática da **investigação** sobre as representações de negros e brancos no imaginário social.



ESTRUTURA DOS WOORKSHOPS E DAS OFICINAS

As ações formativas foram previstas visando assegurar a ampliação da consciência dos participantes acerca de suas experiências, no exercício de sua identidade étnico-racial. Esforços foram feitos para conjugar informação e vivência, apropriação e compartilhamento de lembranças, emoções e percepções.

O desafio foi lançado, e para trabalhar os conteúdos que possibilitassem o reconhecimento de preconceitos e estereótipos racistas que habitam o imaginário social, estruturamos as oficinas em seis momentos: aquecimento; jogos interativos e expressão gráfica; fundamentação teórica; trabalhos dirigidos de grupo e individual; identificação e prática; avaliação e monitoramento.

(1) AQUECIMENTO

O aquecimento consiste em ações destinadas a identificar a energia grupal (“o clima”) e à preparação dos participantes para que se encontrem nas melhores condições possíveis para o contato consigo e com o outro.

Ao iniciar o grupo, através de uma atividade comum, busca-se que cada integrante expresse seu estado de ânimo, é uma estratégia para diminuir os estados de tensão e promover a interação.

São vários os recursos a serem utilizados, optamos por priorizar o corpo, tendo em vista a sua função de âncora das emoções, e o fato de ser moldado pelas circunstâncias históricas e sociais dos indivíduos.

A expressão corporal ajuda cada integrante a encontrar seu ritmo interno, evidencia conflitos e pode indicar situações temidas ou problemas de difícil abordagem. E, ainda, contribui para desenvolver a auto-percepção e o auto-conhecimento, na medida em que coloca o sujeito constantemente em contato consigo mesmo, exercitando-o a identificar e a compreender os efeitos das diferentes discriminações vividas (por raça/etnia, gênero, orientação sexual, condição social, religião, etc.).

(2) JOGOS INTERATIVOS E EXPRESSÃO GRÁFICA

Os jogos interativos são utilizados em vários momentos do desenvolvimento das oficinas atendendo a múltiplos propósitos: intensificar a proximidade entre os participantes; ampliar a percepção de si e do outro; exercitar a busca de consenso; identificar similaridades e divergências de visões; estimular a empatia através da inversão de papéis; explorar diferentes possibilidades de resolução de conflitos interétnico-raciais.

Ainda na fase de integração, os jogos interativos auxiliam no levantamento de expectativas e receios, e na construção coletiva de acordos de convivência e funcionamento do grupo.

As técnicas de criatividade e desbloqueio contribuem para a elaboração de conteúdos emocionais emergentes e preparam o sujeito para uma melhor recepção de informações conceituais.

(3) FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As informações históricas, a ciência política e os dados sócio-econômicos a partir do recorte étnico-racial são fundamentais no processo de desconstrução do racismo introjetado e de superação de seus males mentais.

Temário desenvolvido:

- História da criança e do adolescente negros no Brasil.
- Educação e Cultura: os desafios de um educador para a inclusão social.
- Racismo e Psiquismo: impactos no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente.
- Humilhação Política: dominação e angústia.
- Corpo Real e Corpo Simbólico – representação e auto-representação.
- Auto-estima: preconceitos e estereótipos.

O conteúdo desenvolvido em cada tema é apresentado logo adiante nesta publicação, através de entrevistas realizadas com os formadores.

(4) TRABALHOS DIRIGIDOS DE GRUPO E INDIVIDUAL

Os trabalhos dirigidos de grupo são realizados após cada exposição teórica ou utilização de recurso áudio-visual. Através de roteiros ou consignas pré-elaborados os participantes são estimulados a correlacionar a informação recebida com a sua realidade pessoal e profissional. E também são incentivados a criar espaço para relatar e escutar as experiências de discriminação que marcaram sua trajetória. Como exemplo, podemos observar adiante o resultado de uma reflexão sobre o papel da escola no contexto étnico-racial (*ver páginas 34 a 37*).

Os trabalhos dirigidos individuais consistem num conjunto de procedimentos que visam habituar o sujeito, em situação de discriminação, a identificar seus sentimentos; dimensionar o impacto emocional; interpretar suas reações; monitorar o seu grau de satisfação com as atitudes tomadas.

Compartilharemos a seguir alguns instrumentos utilizados durante a formação para desenvolver auto-conhecimento e auto-percepção:

CADERNO DE BORDO

Inspirado no Caderno de Viagem², é um instrumento de **registro** das “reflexões a partir de pensamentos, sentimentos, emoções, sensações corporais e ações”, surgidas frente a situações de discriminação vivenciadas, lidas ou ouvidas.

<i>AS SITUAÇÕES DE DISCRIMINAÇÃO vividas ou presenciadas (o fato)</i>	<i>O CONTEXTO (local/circunstância/ envolvidos)</i>	<i>OS SENTIMENTOS IDENTIFICADOS</i>	<i>AS REAÇÕES TIDAS NA SITUAÇÃO</i>	<i>MONITORAMENTO: em que medida se teria uma reação diferente a daquele momento?</i>

O **caderno de bordo** ajuda na resignificação das experiências de racismo e promove mudanças de atitudes e novas habilidades para o enfrentamento de situações de discriminação.

2 Yasbec, Vânia C. Refletindo em Contextos de Formação. In Novos Paradigmas em Mediação. Dora Fied Schnitman e Stephen Littlejohn (organizadores). ARTMED Editora, Porto Alegre, 1999.

APRIMORANDO A AUTO-PERCEPÇÃO

Através de conceitos como estereótipo e preconceito, o exercício propõe uma reflexão sobre a diversidade dos grupos sociais e o reconhecimento dos próprios preconceitos (*ver páginas 53 a 56*).

(5) IDENTIFICAÇÃO E PRÁTICA

Foi prevista uma carga horária para atividades extra-curso com o intuito de:

- Criar condições para aplicação da aprendizagem;
- Aprimorar a escuta e o olhar em relação ao impacto do racismo nas ações pessoais e profissionais;
- Ampliar o auto-conhecimento através de exercícios cotidianos de auto-observação;
- Identificar o significado das questões trabalhadas no caderno de bordo.

Os participantes realizaram um trabalho de investigação sobre representações sociais, especificamente sobre os atributos dispensados a negros e brancos. Dois dos trabalhos realizados estão descritos nesta publicação (*ver páginas 45 a 46*).

(6) AVALIAÇÃO E MONITORAMENTO

Através de técnicas de associação livre investigam-se emoções, sentimentos e opiniões no início e final de cada atividade. A identificação do impacto emocional das atividades constitui-se num importante treino.

No final da formação os integrantes do grupo, através de expressão gráfica, traçaram uma “linha do tempo” indicando descobertas, e mudanças no seu desenvolvimento geradas pela participação desta experiência.

Após alguns meses do término da formação foi realizada uma avaliação para estimular os participantes ao monitoramento constante (*ver páginas 72 a 73*).

Passaremos a seguir ao bloco de entrevistas com os formadores.

O CONTO E A HISTÓRIA

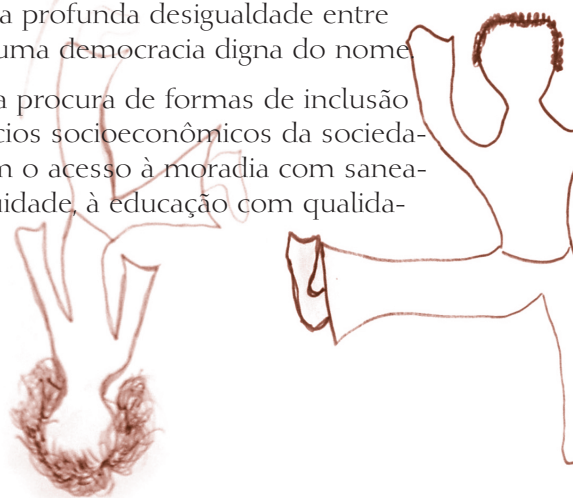
Desde crianças, aprendemos que o povo brasileiro formou-se a partir da contribuição de três raças-etnias: os indígenas, os europeus e os africanos. Também vivenciamos uma fenomenal miscigenação, a ponto de ser impossível eleger o tipo brasileiro. Muito diferente, por exemplo, do tipo alemão ou do tipo boliviano. Na verdade, não temos um tipo, e sim uma caudalosa diversidade étnico-racial.

Tudo lindo! Não fosse a história de como essas três etnias se colocaram dentro do país. Os europeus, encarnados em portugueses, chegaram para conquistar, dominar, explorar. Os indígenas, antes os donos da terra, foram exterminados ou expulsos para o interior. Dos séculos XVI ao XIX, os africanos foram trazidos como escravos para servirem no eito, no leito, no leite, na lavoura, na casa, no campo e na cidade.

Tanto indígenas quanto africanos empreenderam uma luta sem fim contra a tirania. Mas apenas no século XX, as histórias de resistências e de vitórias começaram a ser contadas pela história oficial. Foi, também, nas últimas décadas do século XX, que a chamada abolição da escravatura, ocorrida em 1888, começou a ser “problematizada”. Afinal, que abolição foi esta que vem mantendo negros e negras do Brasil nos piores índices de qualidade de vida? Que abolição foi esta que mantém as mulheres negras na base da pirâmide socioeconômica, e os jovens negros em situações vulneráveis?

Assistimos ao desmoronamento de um dos maiores mitos da história do Brasil: a democracia racial. A condição de vida de negros e negras tornou-se uma das importantes pautas da vida nacional. Graças aos esforços do movimento negro – sustentado por organizações mistas e de mulheres – compreendeu-se que enquanto o Brasil não resolver a profunda desigualdade entre negros e brancos, ele não será uma democracia digna do nome.

O que está na ordem do dia é a procura de formas de inclusão da população negra nos benefícios socioeconômicos da sociedade brasileira. Isso tem a ver com o acesso à moradia com saneamento básico, à saúde com equidade, à educação com qualidade, à imagem com dignidade.



DESCONSTRUIR, RESIGNIFICAR

Rever a história do Brasil de um ponto de vista não racista e não sexista talvez seja trabalho para gerações inteiras. Mas a largada já foi dada e seus pilotos são, principalmente, sociólogos, antropólogos, educadores, psicólogos, negros ou brancos comprometidos com a tarefa de passar a limpo os conteúdos da nossa história.

No Módulo I da Formação sobre Os Efeitos Psicossociais do Racismo foi trabalhado um breve panorama da história da criança negra no Brasil. Também buscou-se identificar o surgimento de instituições de correção e confinamento, matrizes das atuais FEBEMs e FUNABEMs.

Como formador foi convidado o historiador Marco Antonio Cabral. Ele apontou para o itinerário da criança e do jovem marginalizados.

O historiador situou sua fala na São Paulo do começo do século XX, uma cidade frenética caracterizada pelo final da escravidão - sem nenhuma política de compensação para os libertos e seus filhos -, e a entrada de enormes contingentes de imigrantes para cumprir uma dupla função: trabalhar nas lavouras paulistas e branquear o país. Nesse momento, há um significativo aumento da criminalidade e observa-se a criança e o adolescente (chamado de menor) sendo punido por “desordens”, “vadiagens” e pequenos furtos (qualquer semelhança com a São Paulo do século XXI não é mera coincidência).

Marco Antonio ressaltou que para combater os delitos juvenis, o Estado azeita seus aparelhos de repressão e correção. Assim nasce, em 1902, o Instituto Disciplinar destinado a recolher “pequenos mendigos, vadios, viciosos, abandonados, maiores de 9 e menores de 14 anos que lá deveriam ficar até completarem 21 anos”. Estava dado o empurrão para o confinamento de muitas crianças e adolescentes pobres da cidade de São Paulo. Segundo Marco Antonio, era o começo da transformação do “menino da rua” em “menino de rua”.

No debate com os participantes, ficou claro que os atuais meninos e meninas de rua bem como os “institucionalizados”, na sua maioria negros, não surgiram nas esquinas urbanas de repente. Atrás deles, há uma história de discriminação e exclusão sistêmicas.



ENTREVISTA COM MARCO ANTONIO CABRAL

A HISTÓRIA COMO ALIADA

Marco Antonio Cabral dos Santos, nascido em 1973, é doutor em História, pela Universidade de São Paulo (USP). Passou a infância e a adolescência ouvindo da mãe, diarista por profissão e com letras escassas, a voz de comando: estude, estude, estude! Foi o que ele fez. Não obstante o precário ensino da escola pública, Marco mergulhou nos livros e conseguiu entrar, em 1992, na USP.

Seu primeiro emprego foi como contínuo em um banco. Para conseguir-lo, ele fez provas de português e de matemática. Saiu-se muito bem. “Para mim, o banco foi uma excelente oportunidade de aprendizado, quando entrei não sabia nem preencher um cheque. Minha mãe nunca teve conta em nenhum banco.” Quando já era caixa, Marco Antonio entrou na Faculdade de História. Então, viu-se em uma encruzilhada: “Durante o dia eu trabalhava no sistema financeiro, de noite eu respirava a liberdade da universidade. Era uma vida dupla.”

Marco Antonio pediu demissão e foi trabalhar no Arquivo do Estado de São Paulo, ganhando um quarto do salário do banco. Foi providencial. No Arquivo do Estado, ele tomou contato com documentos que seriam fundamentais para sua futura tese de doutorado. Ele também ganhou tempo para fazer o que mais gostava: estudar.

Hoje, Marco Antonio vive o cotidiano de um intelectual ipsis litteris: escreve artigos acadêmicos, desenvolve projetos, ensina. Também não se furta de colaborar para crescimento das idéias entre os jovens. Participa de um curso de formação política no distante bairro de Ermelino Matarazzo, São Paulo. “É um curso amplo, com caráter apartidário. A gente discute de violência policial à televisão de qualidade.

Na entrevista a seguir, Marco Antonio Cabral dos Santos conta de seu amor pela História, fala de questões raciais e, principalmente, de seu entusiasmo pelo conhecimento.



Como historiador e professor de História, você crê que o conhecimento dos fatos históricos pode nos ajudar na resolução de problemas cotidianos?

Marco Antonio - Bom, a maneira como a Escola de primeiro e segundo graus apresenta a História não ajuda muito. O currículo escolar de História deveria ser repensado para que o aluno pudesse associar o passado coletivo ao seu presente individual. Eu me interessei pelo estudo da História, justamente, por vislumbrar nela a possibilidade de ação social e de entender o Brasil. Quando eu era criança, assistia ao telejornal e não entendia o que as pessoas falavam. Eu não compreendia qualquer notícia sobre política. Verdade que eu era bem jovem, natural que não atinasse. Mas não compreender, me incomodava muito. Eu acredito que, não só a História mas também as Ciências Humanas nos ajudam a ler a realidade e, a partir daí, podemos pautar nossas ações.

Por anos a fio, os livros didáticos brasileiros contaram a História de um ponto de vista branco e masculino. Você concorda com esta afirmação?

Marco Antonio - Os livros de História estão melhores, mas ainda longe do ideal. Na prática, existe um descompasso entre o que se discute na universidade e o que se transmite na sala de aula do ensino fundamental. A discussão da História do Brasil, dentro da academia, é avançada e delicada. É uma discussão preciosa. O problema é que essa discussão de qualidade demora muito para chegar ao ensino fundamental. A História estudada na universidade já não tem esse caráter eurocêntrico, masculino. Há muitas pesquisas sobre a História da Mulher no Brasil e sobre a História do Negro também. Por exemplo, a escravidão é muito estudada. Diria até que a academia está se voltando para a África, principalmente, para entendermos como se compôs a nacionalidade brasileira, ou de onde vieram os negros. Enfim, compreender as conexões. Hoje se considera, inclusive, uma História Atlântica: Europa, África e Brasil, tendo o Oceano Atlântico como ponte e palco de atuação. Repito: o problema é o descompasso entre o conhecimento acadêmico e a transmissão desse conhecimento na Escola Fundamental. Cabe aos historiadores se organizar e fazer valer seus saberes.

A Lei 10.639/03 (11.645/08) institui a obrigatoriedade do ensino das histórias e culturas africana e afro-brasileira. Isso pode melhorar o ensino da História na Escola Fundamental?

Marco Antonio - Quando eu entrei na Universidade de São Paulo, em 1992, não existia uma cadeira dedicada à África no Departamento de História. Hoje já temos. Vários pesquisadores se interessam pelo tema. Esse interesse tem muito a ver com a Lei. Ela cria uma demanda. Agora, o professor que ensina na base não tem livros didáticos que dêem conta da África. Muitos professores não têm a mínima idéia do assunto. Eles ainda vêem o continente africano como fonte de mão-de-obra. Sou otimista. As mudanças são lentas, mas vão acabar acontecendo.

Quando se fala em Educação pela Igualdade Racial, comenta-se muito em resgatar heróis e heroínas negros, com o objetivo de aumentar a auto-estima do aluno afrodescendente. Heróis e heroínas são necessários?

Marco Antonio - O ideal seria não precisarmos de heróis e nem cultuá-los. Mas havendo heróis brancos, que haja heróis negros. Tem que existir um equilíbrio. Como temos um pan-

teão de heróis da História do Brasil, e dificilmente nos livraremos disso, que os heróis negros também estejam representados. Nos Estados Unidos, em 1986, foi instituído o Dia de Martin Luter King como feriado federal, ou seja, uma vitória para os negros norte-americanos. Da mesma forma, o 20 de Novembro – Dia da Consciência Negra, em homenagem à luta de Zumbi de Palmares, é fundamental para a afirmação da população negra brasileira.

A educação pode ser um canal de ascensão social para os negros?

Marco Antonio - Como pregava a minha mãe, na década de 1970, a educação é quase um dos únicos canais de ascensão social para a juventude pobre em geral, e negra pobre em particular. Ocorre que o ensino público está muito degradado. Muito mais do que há vinte anos. Se compararmos com cinquenta anos atrás, é um escândalo. A derrocada do ensino público significa, entre outras mazelas, que o negro está perdendo cada vez mais a possibilidade de ascensão socioeconômica. Quando entrei na universidade, a minha primeira aula foi com o Milton Santos. Eu não sabia quem ele era. O auditório estava lotado para ouvir aquele homem negro e baiano. Hoje imagino que é muito difícil que surja um Milton Santos. Por quê? É cada vez mais difícil entrar em uma universidade pública. A escola pública não dá conta. Nas décadas de quarenta e de cinquenta, a escola pública era uma escola de excelência. As pessoas se digladiavam para entrar. Em suma, se o Milton Santos estudasse na escola pública atual, ele teria mais dificuldades de entrar na universidade e talvez não chegasse ao lugar em que chegou, mesmo com a sua genialidade.

O vestibular é injusto?

Marco Antonio - Trata-se de um Sistema de Mérito. A pessoa é avaliada com dezessete, dezoito anos. Quer dizer, a formação básica dela já aconteceu. Se ela for pobre, certamente não conseguiu pagar um ensino de qualidade, enquanto o rico pagou. Então o sistema de mérito, representado pelo vestibular, para a maioria dos brasileiros, sobretudo para os negros, representa uma barreira. Do jeito que está, o vestibular perpetua as desigualdades raciais. Ora, meritocracia pressupõe que haja igualdade de oportunidade entre os concorrentes. Na minha opinião, o Movimento Negro tem que lutar também por uma escola pública de qualidade. Aí está uma chave importante. Lutar por políticas de reparação é bom, mas não é tudo. A meu ver, a luta maior é por um ensino público melhor.

O que você acha do sistema de cotas para negros?

Marco Antonio - A cota é um instrumento da política afirmativa. Ela não é a política afirmativa, e sim uma de suas facetas. Acredito que está havendo uma confusão. A cota não deve ser vista como solução para todos os problemas. É preciso também olhar para outros espaços além da universidade. Espaços onde os negros estão sub-representados.

Por exemplo?

Marco Antonio - Na chamada alta cultura. O negro é sub-representados na pintura, na escultura, na música erudita. Ele aparece no “Domingão do Faustão”, programa da Rede Globo, tocando cavaquinho. Nada contra, o cavaquinho é um instrumento maravilhoso. Mas existem negros que tocam piano, violoncelo, oboé. Em suma, aparecer com a bola no pé ou com o pandeiro na mão contribui muito pouco para a afirmação do negro no Brasil.

É uma espécie de reserva cultural em favor dos brancos...

Marco Antonio - Isso é péssimo. Alguns programas sociais têm sérias limitações. Quando eu era garoto, morava na periferia da periférica Embu. Era um lugar sem Lei. O poder público não aparecia; a criminalidade era altíssima. Eu estudava numa péssima escola, quando surgiu um programa do Governo Franco Montoro para tirar a garotada da rua. Funcionava em uma casa grande. Eu fui até lá, tinham só dois cursos: Marcenaria e Sapataria. O de Marcenaria me encantou, fazer móveis, brinquedos. Mas como eu tinha treze anos, não podia mexer com serra elétrica. Tive que ir para a Sapataria. Apreendi a fazer sapato, chinelo, bolsas, foi ótimo. No entanto, hoje, eu vejo que naquele momento não era Marcenaria o que eu necessitava. Precisava de alguém que pusesse um livro nas minhas mãos. Eu precisava ter educação formal melhor do que eu tinha na escola que ficava a poucos metros. O Brasil, do século XXI, está cheio de programas sociais que continuam levando a garotada para batucar. Tudo bem, mas quem quer outra coisa se sente excluído. No fundo, esses programas reforçam o negro apenas como pagodeiro, capoeirista.

No curso do AMMA, você percorreu sobre Criança e Criminalidade no início do século em São Paulo. Qual é a idéia principal?

Marco Antonio - A minha tese de Doutorado é sobre a Polícia em São Paulo na passagem do século XIX para o século XX. Ela abrange um momento chave da história de São Paulo. Só para termos uma idéia, em vinte anos, de 1890 até 1910, São Paulo passou de setenta mil habitantes para duzentos e cinquenta mil! Um assombro. Foi um momento de aceleração fantástica. Eu estudei os mecanismos de regulamentação dessa cidade. Por isso que eu fui pesquisar a polícia. Como é que se administra uma cidade dessa? Foi um período maluco da cidade em que a polícia tinha muito poder, e o cidadão não tinha cidadania. Dentro desse estudo é que eu dedico um capítulo à criança. Em síntese: as crianças tinham uma relação com as ruas da cidade que o Poder Público vai começar a reprimir. A indústria, que crescia em São Paulo, abocanhava uma parcela dos trabalhadores. A maior parte da população vivia da economia informal, nos interstícios da economia formal. Era comércio, serviços, lavadeiras, enfim, essa coisa toda. As crianças pobres descobriram no agito da cidade formas de obter um ganho. O garoto rouba um pedaço de tecido numa loja na 25 de Março e vende ali mesmo para outro dono de loja. As crianças começam a fazer da rua seu sustento por meio de pequenos delitos. Então o Estado se viu na obrigação de tomar providências. Resolveu institucionalizar essas crianças e jovens. Em 1902, cria-se o Instituto Disciplinar do Tatuapé – embrião da atual FEBEM. Triste! Estamos vivendo com isso até hoje.

Pela virada do século XIX para o XX, também houve o projeto de imigração?

Marco Antonio - Claro. O projeto imigrantista, cuja justificativa oficial era que, uma vez abolida a escravidão, seria preciso “importar” mão de obra para as lavouras. Como se o ex-escravo não fosse gente ou desconhecesse os ofícios agrícolas. Foi um projeto de branqueamento, de europeização do Brasil. Foi uma política étnica tão descarada, que a imigração de asiáticos, chamada de “imigração amarela”, sofreu muitas barreiras. A intenção era mesmo trazer europeus, leia-se, brancos.

Voltando para o presente. Os negros são discriminados porque são pobres ou os pobres são discriminados porque são negros?

Marco Antonio - Eu creio que há muita confusão entre condição racial e condição social. Quer dizer, quando se fala em “raça”, refere-se não a uma condição, mas a uma essência. Condição social e discriminação racial são problemas distintos. No Brasil, há discriminação

em relação à condição social de uma pessoa. Mas há também a discriminação racial. Esta vai muito além da questão socioeconômica. O imbróglio é que o problema racial não é encarado pela sociedade brasileira. As pessoas tratam a questão racial com dissimulação. Os negros que têm coragem de reclamar são taxados de neuróticos. Muita gente acha um absurdo que os negros fiquem indignados com o racismo.

O negro de classe média é menos discriminado?

Marco Antonio - Não é por aí, não é como consumidores que vamos equacionar os problemas raciais no Brasil. Eles são bem mais profundos. Nos Estados Unidos, a cidadania do negro se conquistou pelo consumo. Eu acho isso péssimo. É terrível que se conquiste cidadania pelo consumo, isso para qualquer pessoa independentemente da sua etnia. Cidadania está para além disso.

O Brasil está menos racista?

Marco Antonio - Eu não acho que ele está menos ou mais racista. Acho que o problema do racismo está sendo encarado de uma maneira diferente. Hoje, os negros estão mais organizados e conquistando espaços. O racismo não vai acabar por decreto. É um processo longo. Talvez o racismo nunca acabe. Nos Estados Unidos, por exemplo, há uma lista imensa de Políticas Afirmativas e nem por isso a sociedade norte-americana deixou de ser racista.

O que fazer?

Marco Antonio - São inúmeros os caminhos. Dentre eles, eu avalio a ação do AMMA como muito importante. Porque o AMMA trabalha com os efeitos psicossociais do racismo. Eu creio que é o cerne da questão. É, justamente, nesse caráter pouco tangível do racismo que residem as maiores seqüelas para os afro-brasileiros.

A EDUCAÇÃO

Sempre que alguém pergunta: qual a saída para o Brasil crescer e distribuir melhor sua renda, suas oportunidades, suas riquezas? Nove entre dez pessoas apontam a educação como condição sine qua non para seguirmos em frente.

É curioso que essa aposta na educação seja quase unânime e, ao mesmo tempo, as escolas públicas brasileiras sejam tão maltratadas. Certamente, essa situação não surgiu hoje nem ontem. A escola brasileira já nasceu complicada: branca e para poucos. Eurocêntrica e etnocêntrica.

Agora, no século XXI, os números oficiais dão motivo à comemoração: nunca tanta gente esteve dentro das escolas. Garantido pela Constituição Brasileira, artigo 208, o ensino fundamental, obrigatório e gratuito, é para todos sem distinção de classe, gênero e raça.

No entanto, a esmagadora maioria das crianças, adolescentes e jovens não brancos, além de gramática e português, conhecem também o bê-à-bá da discriminação racial na escola. Discriminação traduzida em olhares, desatenções, indiferenças, inadequações culturais, palavras ofensivas.

Mas não apenas os alunos têm lições de intolerância, os educadores negros também enfrentam preconceitos dentro da escola além de barreiras para a sua ascensão profissional.

Como sempre, no Brasil, muitas vezes se levantam para dizer que a escola não pratica o racismo, que trata todos com

igualdade. Tal afirmação faz parte do racismo à brasileira – na maioria das vezes, dissimulado e escorregadio. Praticado nas entrelinhas.

Mas como não reconhecer o racismo quando um professor desqualifica ou ofende um aluno por sua raça/etnia? Como não ler racismo e sexismo nos livros didáticos que insistem em atribuir papéis sociais subalternos aos negros e às mulheres? Como não se indignar com aulas de história que são useiras e viseiras em retratar a história da escravidão como uma história de submissão da população negra. Ou nas aulas de geografia que ignoram, solenemente, a complexidade do continente africano? Se todas essas manifestações não forem racistas, são o que?

Durante a formação sobre *Os Efeitos Psicossociais do Racismo*, Eliana Oliveira, responsável pela Oficina Educação e Cultura, discorreu acerca dos temas: O papel do Educador; História pessoal e sua influência na aprendizagem; Função dos estereótipos na manutenção do racismo.

Na sequência, leia a entrevista, dada por Eliana Oliveria, especialmente para esta publicação.

ENTREVISTA COM ELIANA OLIVEIRA

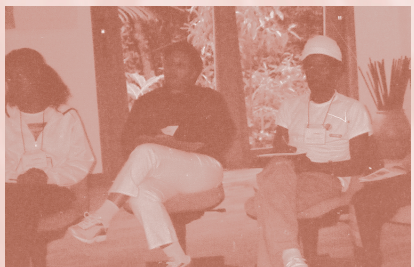
ENSINAR COM RESPEITO

Pedagoga, mestre em Educação com doutorado em antropologia social, Eliana é uma educadora que, atualmente, trabalha com outros educadores para a sensibilização e o enfrentamento das discriminações étnico-raciais no ambiente escolar, é professora universitária e coordenadora de curso de Pedagogia.

Quando criança, Eliana morou na pequena São Sebastião do Paraíso, sul de Minas Gerais, cidade com ascendência predominantemente italiana. Sua mãe era costureira. Algumas vezes, Eliana e a irmã mais velha iam na casa das clientes tirar medidas de roupas. Em algumas ocasiões, Eliana ouvia meninas brancas perguntarem para irmã e para ela: “Essa cor pega?”

A discriminação não se limitou à infância, acompanhou a vida de Eliana. “No primeiro dia de aula, os alunos quase morreram de espanto ao verem uma professora negra dando um curso de pós-graduação”. O preconceito não parte apenas dos alunos. Eliana conta que em uma reunião de Coordenadores de Pós-Graduação e de reitores de várias faculdades, uma professora branca se incomodou muitíssimo com a presença de uma mulher negra e perguntou: “O que você está fazendo aqui?” Eliana respondeu na lata: “O mesmo que você.”.

Eliana Oliveira reconhece: “Todos os dias da minha vida são dias de desafios. No entanto, tenho sido feliz nas minhas escolhas, mesmo que difíceis.”



Qual o compromisso da escola na promoção da igualdade racial?

Eliana - Na escola encontramos um caldeirão, no qual fervilham todas as etnias. A cultura brasileira está na sala de aula, principalmente na escola pública. Portanto, caberia à escola o compromisso fundamental de trabalhar a promoção da igualdade racial. E o que vemos? Um paradoxo: a escola é o espaço que não poderia discriminar, mas acaba sendo o que mais discrimina. Uma das origens desse paradoxo vem do fato de, por séculos, a escola ter trabalhado com um currículo de modelo europeu.

Um modelo que não tem nada a ver com os brasileiros?

Eliana - Exatamente. Esse modelo favorece a homogeneização. Como se houvesse, no país, uma única cultura, no caso, branca e de ascendência européia. Dentro dessa concepção, fica quase impossível trabalhar com as diferenças. Trata-se de um currículo que favorece a discriminação racial/étnica.

Discriminação que incide sobre os alunos negros?

Eliana - Discriminação que expulsa as crianças negras da escola. Elas sofrem um desgaste continuado quando são chamadas de “negrinho” ou de “negrinha”. Muitas vezes, o professor nem tem consciência do quanto isso dói na criança, e do quanto isso dificulta o aprendizado. Assim, cada vez que a criança negra vai para a escola ela é ridicularizada e tem sua complexidade reduzida a atributos estereotipados. Isso provoca menos interesse pelos estudos, além da recusa em ir para a escola, dificuldade de aprendizagem e, por fim, provoca a evasão escolar. Há também outra consequência da discriminação: o não-pertencimento. O aluno negro não se vê representado na maioria dos livros didáticos. Como exemplo, a contribuição dos africanos na construção do país, constituição da diversidade, valores culturais etc. Também não percebe nem um pingo de respeito por ele, pela sua origem familiar e social. Quando chega na idade do ensino médio, ele não está mesmo na escola, ele está na rua.

Qual o caminho para transformar essa situação?

Eliana - Não existe um caminho. Há vários. Hoje, temos discutido como trabalhar a partir do aluno e não do professor. Também estamos esperançosos com a Lei 10639/2003 que inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da Rede de Ensino. Mas, por fim, insistimos para que os professores parem de naturalizar as desigualdades, repetindo velhas mentiras: “pobre é negro e não aprende, para quê eu vou me esforçar?” “Ela vai ser empregada doméstica mesmo”. “O pai dele é faxineiro, ele vai continuar sendo faxineiro”. Dentro desse determinismo não há espaço para um pensamento maior em favor da criança. Não há um trabalho para aproveitar o potencial inerente a todo o ser humano.

Os professores não têm sensibilidade?

Eliana - A Lei 10.639/2003 (11.645/08) não basta. É preciso qualificar o professor. Poucos são sensíveis às questões raciais, mas quando se sensibilizam tornam-se professores e pessoas melhores. A transformação pode ser rápida, na medida em que eles começam a compreender a riqueza da diversidade. O racismo é a maior causa dos problemas educacionais dos alunos negros. A escola pode e deve desempenhar um papel decisivo no sentido de eliminar o racismo institucional. Daí perceber a necessidade de um currículo multicultural, que leve em consideração todas as culturas. Nesse momento, o professor ou professora desperta na criança ou o adolescente para o gosto de estudar. Precisamos ajudar o professor a entender que a desigualdade também passa pela escola e que eles têm um papel importante para dirimir os danos causados por essa desigualdade.

Você acredita que a escola está menos racista?

Eliana - Não! A gente percebe pelos apelidos, pelos estereótipos, pela falta de referências positivas nos livros didáticos e pelo tratamento que grande parte dos professores dispensa ao aluno negro. O professor reforça todos esses estereótipos ao não chamar a criança pelo nome, ou a ignorá-la. Uma das soluções é desconstruir os estereótipos. Nós temos feito isso e chamado a atenção dos professores. É necessário parar de rotular, parar de achar que o aluno não aprende porque é pobre, porque está sujo, porque vem com ranho no nariz. A partir do momento em que o educador começa a olhar a criança e a enxergar o potencial dela, a criança mesma desabrocha e se desenvolve.

A família também tem um papel na promoção da igualdade racial?

Eliana - Claro. Mas a família, muitas vezes, não trabalha a questão racial. Não consegue orientar a criança. Por consequência, a menina ou o menino ficam sem autodefesa e sem interlocutores. Isso acontece porque ser negro no Brasil é “ruim”. Reconhecer-se como negro é uma questão de depreciação. Tudo que se aproxima do negro é mostrado como negativo. O negro é o perdedor, o submisso, o cidadão de segunda categoria. Quando a família não consegue trabalhar com as questões raciais, a responsabilidade da escola aumenta.

Deveria haver uma conexão escola-família?

Eliana - Se a escola trabalhar a questão racial, a família passa a ser sensibilizada, uma vez que o aluno leva a informação da escola para dentro de casa. Com a escola e a família trabalhando juntas, as crianças e os adolescentes negros podem criar estratégias de enfrentamento. Podem entender a sua posição na sociedade, entender o Brasil, entender os azeitados mecanismos de exclusão. Um outro problema é que, na maioria das vezes, a escola rejeita a origem do aluno, isto é, rejeita a família dele. Ela desvaloriza o que o aluno aprende com a família. É um desastre! Em casa, o aluno recebe informações maravilhosas. O Brasil é múltiplo. Há muitas linguagens.

A escola está preparada para trabalhar com a diversidade?

Eliana – No momento, eu não vejo uma educação aberta à diversidade, pois é preciso repensar o sistema educacional brasileiro a partir das diferenças para o currículo e para as ações pedagógicas. Para abrir-se à diversidade tem que haver diálogo. Diálogos entre as culturas. Esse é o papel do multiculturalismo: o reconhecimento da cultura do outro.

Sem o conhecimento e o mútuo reconhecimento não há diálogo.

É necessário também estar aberto para as influências. Uma cultura pode alterar a outra. Para isso, o melhor caminho é entender quais são as histórias de cada uma. Entender como as várias culturas contribuíram para a formação do país. Em síntese, entender a formação do povo brasileiro. Qual o papel das diferentes culturas, das etnias que nos construíram. E qual o extrato social que cada grupo étnico ocupou e ocupa na sociedade. Também responder a pergunta: por que o referencial é o branco de ascendência européia?

Por quê?

Para encontrar respostas é preciso estudar a história, compreender como as coisas se deram, compreender para modificar. Se essa reflexão não for feita, não há diálogo entre as culturas. Quando o educador começa a entender a questão da diversidade, ele entende de onde vêm as crianças, suas origens, suas famílias, suas linguagens.

O racismo deixa marcas psicossociais?

Eliana - Muito mais do que isso! O racismo gera efeitos psicossociais duradouros sobre as pessoas. Como o racismo à brasileira não é transparente, para a pessoa negra, em geral, a sua identidade é multifacetada. Há uma certa ambigüidade na construção da sua identidade. Nós estamos trabalhando com educadores e educandos a questão da auto-estima e a necessidade de fomentar a consciência negra. Um grande entrave é a falta de referenciais positivos. Não há referencial nos livros didáticos, não há representatividade suficiente na televisão, e professores negros são poucos. Fica difícil se aproximar daquilo que é “invisível”

Há interseção entre as discriminações de raça e de gênero?

Eliana - A mulher negra sofre a dupla discriminação, por ser mulher e por ser negra. Contra as mulheres, a discriminação é mais acentuada. Veja meu exemplo: apesar da minha formação e dos anos de estrada, eu trabalho muito mais do que uma mulher branca e o reconhecimento é sempre menor.

Você enxerga luz no fim do túnel?

Eliana - Acho que é fundamental a formação de quadros. Mulheres e homens negros se tornando mestres, doutores. Isso irá fazer diferença. Agora, a pessoa não pode ascender e esquecer da sua comunidade de origem. Temos que ajudar a população negra a se desenvolver, ajudá-la a sair do limbo econômico no qual foi colocada. Para isso é preciso discutir as manifestações do racismo. A consciência ajuda a ser menos submisso, menos infeliz também. O que está em questão é criar mecanismos e estratégias de enfrentamento das discriminações. Há também a questão da visibilidade! É importante ver negros e negras em cargos de status sociais. Quanto mais gente discutir a questão racial, nas escolas e em outros espaços, mais visibilidade teremos.

E os brancos?

Eliana - Aqueles que forem parceiros na luta anti-racista são bem-vindos. Parece óbvio que um Brasil melhor será construído com os brancos ao nosso lado.

ALGUNS RELATOS DAS(OS) PARTICIPANTES SOBRE DISCRIMINAÇÃO NA ESCOLA

P1 - Eu sou professora de educação infantil. Trabalho na rede municipal de ensino. Tenho uma turma com vinte e cinco crianças, na faixa etária de quatro anos. Fazemos um trabalho de prontidão para alfabetização. As crianças com quatro anos já trazem muitas vivências das suas famílias. Já trazem, na verdade, os preconceitos que a família tem. Às vezes, uma criança pequena já está vivendo um conflito interno, se debatendo com preconceitos.

Outro dia, minha filha de cinco anos chegou para mim e disse: "Mãe, eu não quero mais ser negra". O pai dela é branco, ela tem a pele de tom bem claro. Mas ela sempre se considerou negra, por causa de mim e porque está junto da minha família. Ela tem uma convivência muito próxima com as tias maternas etc. Quando ela me disse que não queria mais ser negra, eu quase entrei em parafuso. Perguntei: "Como assim, filha?". Ela respondeu: "Quero ser branca igual a minha amiguinha Lele". Quer dizer, tem algo acontecendo na escola... Ela está aprendendo que ser branco é melhor (?). E como ela tem a pele clara, de repente, ela pensou: "Posso escolher.."

Daí creio que as reflexões que estamos fazendo, nesse curso do AMMA, trazem possibilidades de lidar melhor com as situações. É lógico que "a negação da raça" sempre causa uma dor incomensurável. É duro saber que minha própria filha está sofrendo com isso. Mas eu sei que posso lidar com essa história de forma mais consciente, porque eu tenho um acúmulo de reflexões. Também é preciso ter muita sensibilidade para lidar com as crianças confrontadas com situações de racismo. O importante é não passar por cima, não fingir que a questão não existe. No fundo, o tempo inteiro a gente tem que fazer uma intervenção.

Eu também trabalho com o pessoal da creche, uma população mais carente. Os pais trabalham, e a maioria é negra. Quer dizer, essas crianças se deparam, o tempo todo, com o racismo na escola. Tenho colegas professoras que não se dão conta da questão e discriminam muitas vezes. Elas também precisam ser trabalhadas.

Por fim, acho que a dor, causada pela discriminação racial, sempre existirá independentemente de querermos falar ou não acerca dela. Se você finge que não está vendo a discriminação, você acaba transferindo a dor para outro lugar. Por exemplo, a pessoa pode somatizar, ficar com uma série de doenças. Às vezes, nas ruas, vemos muitos negros completamente loucos e desvairados. Considero isso como um sintoma da pressão do silêncio.

P2 - Meu primeiro dia de escola foi horrível. Minha avó era lavadeira. Ela tinha uma amiga mais velha que ela e também negra. As duas ficavam o dia inteiro lavando roupa e conversando baixinho. Falavam dos tempos da escravidão. Minha mãe dizia que elas falavam em nagô para ninguém entendê-las. No meu primeiro dia de escola, achei que a minha avó, a qual chamava de mãe, estava me abandonando. Chorei muito! Depois me acostumei.

Uma vez tive dor de dente e procurei o dentista da escola. Mostrei-lhe o dente e ele o arrancou a sangue frio. Doeu muito. Depois daquela experiência, peguei trauma de dentista. Quando tinha dor de dente, sofria silenciosamente. Naquela época, 1969, segundo relatos de amigos, muitos dentistas de escolas públicas tratavam assim a maioria dos negrinhos e negrinhas.

P3 - Fui discriminada recentemente na faculdade. Em uma aula da disciplina de Psicologia Social, eu falei acerca do “branqueamento da escola”. Critiquei o modelo de escola imposto pelos brancos. Levantei dados históricos. Fiz tudo direitinho. A sala era predominantemente branca. O professor da disciplina interrompeu várias vezes a minha explanação. Chegou a dizer que eu estava fazendo uma piada. Ou seja, ele me desqualificou e desqualificou as questões que eu estava trazendo.

Fazendo um trabalho proposto pelo AMMA para os participantes deste curso, entrevistei algumas pessoas que responderam à pergunta: Você já sofreu alguma discriminação em sua vida? De que tipo? Se sim, como você se sentiu e como reagiu a ela?

Confira duas respostas:

1) Estudante, 20 anos:

“Quando eu estava na primeira série, um coleguinha de classe falou: “Essa preta aí”. Eu respondi: “Seu burro”! Mas pegou tanto em mim, que eu lembro até hoje...”

2) Arte-educadora, 22 anos:

“No magistério, eu era considerada fora dos padrões, diziam que eu não tinha postura de professora. Porém nem foi preciso reagir. Minhas aulas foram as próprias respostas, só que na voz dos alunos. O fato é que a escola, além de rançosa, nos ensina desde cedo a segregação.”

ATIVIDADE COMPLEMENTAR: EXIBIÇÃO DO

O vídeo Olhos Azuis (Blue Eyed), realizado em 1995, registra uma oficina, criada e conduzida pela educadora norte-americana Jane Elliot. A oficina de Jane foi contundente: propor que pessoas brancas sentissem, por duas horas e meia, parte da discriminação sentida, por toda a vida, pelos cidadãos negros dos Estados Unidos. Por exemplo, ela chamava os brancos de “irremediavelmente incompetentes”, “irresponsáveis”, “burros”, “preguiçosos” e “inferiores”.

O vídeo também documenta uma experiência-jogo, feita em 1970, com crianças brancas na sala de aula. A professora Jane Elliot dividiu a turma entre as crianças com olhos castanhos e as crianças com olhos azuis. Combinou que as crianças de olhos azuis teriam a prerrogativa de discriminar as crianças de olhos castanhos. Fez mais: as crianças de olhos castanhos ganharam um “estigma”, simbolizado por um lenço no pescoço.

Durante o recreio, os olhos azuis se recusaram a conversar ou brincar com os olhos castanhos. Assumiram uma atitude provocadora forçando os “portadores” de olhos castanhos a se retraírem. Na volta à sala, a professora perguntou como havia sido a vivência de ser discriminado. “Péssima”, responderam. O acontecido foi justo? “Não”, disseram em coro.

O vídeo finaliza com a questão, posta por Jane Elliot: As pessoas brancas acharam insuportáveis serem tratadas com discriminação e desvalorização. O que devem sentir, então, as pessoas negras que são discriminadas e desvalorizadas o tempo todo?

Por fim, ela afirma: não basta que os brancos digam “eu não discrimino, eu não sou racista”. É preciso que eles lutem, ao lado dos negros, para que ninguém seja discriminado e violentado em sua humanidade.

DOCUMENTÁRIO “ OLHOS AZUIS” E DEBATE

Comentários dos debatedores:

“No primeiro momento, achei o vídeo agressivo. Pensei: a consciência da violência da discriminação poder ser conquistada de forma menos traumática. Fiquei incomodada da professora ter proposto um jogo tão cruel para crianças. Não estou desmerecendo a dor da criança negra ao ser constantemente discriminada, mas não sei se jogar de “inverter papéis”, tornar o indivíduo um cidadão melhor. Por outro lado, talvez eu esteja pensando com cabeça de branco, se considerarmos que as crianças brancas viveram a situação por horas, enquanto as crianças negras a vivem constantemente.”

“O vídeo “Olhos Azuis” me fez lembrar de coisas que senti na faculdade, por seu caráter muito opressor. Ela tem a dinâmica de um querer negar o outro, de um querer negar a condição do outro. Eu me sentia péssima, quando o professor devolvia um texto meu todo riscado. Eu pensava: será que ele não vê que eu não fiz cursinho? Ele não percebe que eu vim da escola pública? Fico confusa. Não sei se faculdade discrimina por uma questão racial ou se ela é assim mesmo, incapaz de enxergar os alunos em suas diferenças.”

“O que eu achei mais interessante no vídeo é o tema de que o racismo é uma questão para ser resolvida por toda a sociedade. Não é uma questão que diz respeito somente aos negros. Isso significa que a luta anti-racista tem que incluir os brancos. A solução é de responsabilidade de brancos e negros.”

“O vídeo “Olhos Azuis” confirmou que eu tenho que trabalhar duro para entrar em contato com a dor. Só assim poderei discernir e sair das confusões.”

“Uma das características do racismo é fazer com que a pessoa discriminada tenha dúvidas se está sendo discriminada, ou se está paranóica. Por exemplo, no Brasil, já existem recursos em favor dos discriminados, só que pouca gente, de fato, vai na delegacia fazer a queixa. Acho que a pessoa fica em dúvida. Ela pergunta: será que isto está acontecendo de verdade?”

“Eu vejo a professora do vídeo como aliada. Uma mulher branca aliada. Ter parcerias com brancos pode ser de grande ajuda para o negro. Mas a gente ainda não conseguiu juntar um grupo anti-racista com 50% de negros e 50% de brancos.”

“Eu desconfio um pouco da professora branca de “Olhos Azuis”. Talvez ela se sinta tão confortável e segura, exatamente, por ser uma mulher branca puxando a orelha de outros brancos. Tenho dúvidas se uma mulher negra, ocupando o lugar dela, se sentiria tão segura.”

“O que mais gostei na experiência “Olhos Azuis” foi o trabalho em grupo. Ele permitiu o acordo e que as pessoas aceitassem participar de um jogo traumático.”

“Tenho que dar os parabéns para a ousadia da educadora Jane Elliot. Pois deve ser difícil para o outro reconhecer que ele não é uma pessoa tão bacana como se imaginava.”

“Achei significativo observar como as crianças têm uma prontidão para experimentar muito mais aguçada do que os adultos. Os adultos parecem entrar em pânico com as perguntas: “Como vou agir diferente?”. Muitas vezes, a cristalização impede a transformação. Fazendo a leitura corporal das crianças e dos adultos, a hora em que um dos meninos tira o lenço (o estigma), o ritmo é rápido. Ele se livra rapidamente. Isso tem a ver com a flexibilidade das crianças. Já o adulto tira o “estigma” mais lentamente, com uma expressão meio sem graça.”

“Eu gostei muito. A Elliot também deu uma oportunidade para os brancos. Porque, de uma maneira geral, brancos não discutem sua etnia. É como se ela pairasse. Quando os brancos pensam em raça, parece que a raça é sempre do outro. Parece que só existe a raça negra.”

OLHAR E AUTO-ESTIMA

*O seu olhar lá fora / O seu olhar no céu
O seu olhar demora / O seu olhar no meu/
O seu olhar melhora / Melhora o meu
Onde a brasa mora / E devora o breu
Como a chuva molha / O que se escondeu
O seu olhar o seu olhar melhora / Melhora o meu
O seu olhar agora / O seu olhar nasceu
O seu olhar me olha / O seu olhar é seu
O seu olhar o seu olhar melhora / Melhora o meu*

“O seu olhar”, de Paulo Tati e Arnaldo Antunes.

A auto-estima é um sentimento que alguém é capaz de nutrir por si mesmo. É o reconhecimento e a valorização das próprias qualidades e atributos físicos, mentais, intelectuais etc. É também uma atitude de respeito para as próprias imperfeições e limitações.

Existem alguns aspectos relevantes na construção da auto-estima: o olhar dos pais e da sociedade, pois o sujeito se constitui no olhar do outro; o desejo de existir no olhar do outro, de ser gostado; a família.

No que diz respeito à família, o primeiro olhar e o desejo manifesto dos pais representam a janela pela qual a criança olhará o mundo, determinam a qualidade das relações pessoais e coletivas. O papel dos pais é dar sustentação material e emocional à criança, reafirmando sua existência no mundo e auxiliando no desenvolvimento do senso de individualidade. Além disso, o modo como a criança é tratada, incluindo a linguagem verbal e corporal que os pais usam para demonstrar o seu poder, pode representar o respeito ou o desrespeito às manifestações infantis, interferindo na formação do auto-conceito da criança.

Outro espaço importante no desenvolvimento da auto-estima é o sentimento de pertencimento a um grupo. Um grupo pode reafirmar ou não valores, dar ou não referência de adequação de um indivíduo, bem como dar uma referência de como as outras pessoas reagem diante da presença de alguém.

Auto-estima, então, é um valor individual e coletivo que tem a ver com o modo pelo qual alguém ou algum grupo se vê, sendo, portanto, um sentimento necessário à saúde física, mental e emocional que varia de acordo com a influência externa. O processo de construção da auto-estima envolve amor, identidade, respeito, positividade, valorização e sentir-se sujeito.

A psicanalista Isildinha Baptista Nogueira foi convidada para debater temas cruciais na Formação sobre “Os Efeitos Psicossociais do Racismo”. Em duas horas eletrizantes, ela falou acerca da estruturação emocional do racismo e da construção psíquica dos indivíduos.

A seguir, leia entrevista exclusiva com Isildinha.

ENTREVISTA COM ISILDINHA BAPTISTA NOGUEIRA

NINGUÉM FOGE DA PRÓPRIA HISTÓRIA

Isildinha Baptista Nogueira é psicanalista. “Adoro o meu trabalho. Sinto imenso carinho pelas pessoas que eu atendo. Minha cliente mais velha tem 89 anos; o mais novo, 4 anos.” A bem-sucedida profissão, aparte os esforços e os estudos integrais, teve, nas palavras de Isildinha “uma ajuda da sorte”. Em 1984, ela viajou para a França com o objetivo de se especializar.

De cara, em Paris, foi jantar na casa do renomado filósofo Felix Gattari. Ele a convidou para falar, no dia seguinte, em um congresso de psicanálise. Isildinha tremeu nas bases, ficou aflita, pois deveria falar sobre “Psicanálise e Negritude”, mas nunca havia pensando no tema negritude. Gattari então sugeriu: “Conte de você mesma. Fale da sua experiência como uma mulher negra”. Ela topou e passou a noite escrevendo acerca do que era ser uma brasileira negra morando em São Paulo. O que era ter sido a única aluna negra na escola e, mais tarde, uma das únicas da universidade. “Escrevi sobre como é sofrido ter um lugar que aparentemente é seu, mas que de fato não o é.”

Sua fala no congresso foi um sucesso. A ponto de a grande psicanalista Radmila Zygouris declarar: “Isildinha, seu texto sangra, seu texto é você. Nós temos que nos envergonhar de nunca termos pensado a questão dos negros dentro da psicanálise”. A partir daí, a brasileira passou a conviver com monstros sagrados, entre eles, a brilhante Maud Mannoni (1923-1998). Isildinha foi convidada a concluir sua formação nos Ateliês Psicanalíticos – uma escola com visão socialista.

De volta ao Brasil, ela não parou de trabalhar nem de produzir conhecimento. No seu entendimento: “o psicanalista não atua fora das estruturas de poder”. Sou uma profissional que trabalha levando em conta as questões sociais e as questões clínicas propriamente ditas.”

Isildinha, que passa grande parte do seu tempo perscrutando experiências infantis de seus clientes, relata uma experiência fundamental da própria infância. Uma vez brincando na rua, outra criança disse que meu cabelo era ruim. Fui correndo, chorando até a minha avó. Ela me acolheu e disse: “Isildinha, seu cabelo não é ruim, é duro. Seu cabelo é lindo, ele é como o meu. Eu gosto dele, eu gosto de você.”

Isildinha Nogueira descobriu, então, que acontecesse o que acontecesse em sua vida, existia alguém que a amava do jeito que ela era. Enfim, “somos, porque somos no olhar do outro”.

Faz sentido falarmos de efeitos psicossociais do racismo?

Isildinha - Acho fundamental pensar como a questão social bate no inconsciente. Eu nunca deixei de trabalhar esse viés. É um assunto essencial, pois os efeitos psicossociais do racismo acabam por moldar a nossa conduta e o modo como nós pensamos, produzimos e sentimos. Eu entendo que é preciso, além da clareza das questões sociais, curar as feridas psíquicas. Elas existem e são as piores. Às vezes, a pessoa luta e consegue uma vitória pessoal ou social. Mas, ao mesmo tempo, ela se auto-destrói porque não se acredita. Não se vê capaz daquilo. Não se gosta. Internaliza a discriminação de tal forma que passa a se auto-discriminar sem se dar conta. Este é o perigo maior!

As pessoas negras são continuamente discriminadas, como lidar com essa violência em termos emocionais e afetivos?

Isildinha - As pessoas negras são contínua e permanentemente discriminadas e lidar com a discriminação é muito difícil, pois ela destrói a possibilidade de ser. Porém, no momento em que percebemos que a nossa história pessoal se insere na história da sociedade e da cultura, começamos a produzir antídotos contra o veneno da discriminação.

As marcas da infância são difíceis de serem removidas?

Isildinha - Eu diria que é quase impossível. O que se imprime na primeira infância é para sempre. De 0 a 6 anos vivemos muito próximos da família. Alguém pode perguntar: “mas como é que o racismo chega se nós vivemos muito próximos da família?” A resposta é que o racismo é internalizado. Nossos pais, certamente, sofreram o olhar da discriminação. A própria família vivencia essa dor, essa ferida. As relações originais – as primeiras da vida que incluem pai e mãe – são importantíssimas. A maneira como nossos pais nos vêem, é como nós vamos nos ver para o resto das nossas vidas. Feridas da infância não saram nunca. O que a gente pode aprender, ao longo da vida, é como lidar com elas.

Como fazer o curativo?

Isildinha - Um curativo permanente. E de tão bom que fica, a gente consegue andar bem. Mas se esse curativo nunca foi feito é difícil. A gente caminha, mas caminha cheio de dor. Não é um caminhar muito firme, é um caminhar cambaleante.

É importante o olhar do outro?

Isildinha - Nós só somos sujeitos porque existimos no olhar do outro, por isso somos quem somos. Eu só sou psicanalista porque o outro me reconhece psicanalista. Eu não posso me auto nomear desse lugar do sujeito. Ser no próprio olhar é algo que construímos ao longo da vida, mas essa construção não nos nomeia enquanto sujeitos. O sujeito é feito e anunciado na primeira infância.

Se eu sou só sujeito no olhar do outro e se o outro não me vê, eu não sou!

Isildinha - Uma das consequências disso, algo muito triste, é quando você percebe que a grande população dos hospitais psiquiátricos do País é negra. Por quê? Eu tenho a impressão que tem a ver com a história de não ter um lugar, de não ser.

À medida que a pessoa se sente uma coisa e não se sente como pessoa. Não ser visto é enlouquecedor.

Conhecer as origens de uma dor ajuda a superá-la?

Isildinha - É a única maneira! Não sei se de fato nós vamos às origens, mas creio que a gente consegue se aproximar muito daquilo que provoca a dor. Ao descobrirmos o que é que provoca a dor, podemos escolher se queremos aquilo ou não. Quando me perguntam qual é o objetivo da psicanálise, eu respondo com as palavras da grande psicanalista Maud Mannoni: “o objetivo da análise é tornar a pessoa sujeito da sua própria história.” Quando sabemos qual é a nossa história, podemos nos tornar donos dela. Enquanto não se entende direito e não se sabe que história é essa, não assumimos o personagem principal, ou seja, a pessoa não se torna o sujeito da própria história. É muito bom ter o controle da nossa história. Ir à deriva para a vida e na vida é muito dolorido, porque nunca se sabe onde vai bater. Quando a gente se conhece um pouquinho, nós sabemos onde, como, quando e contra quem se bater. É qualitativamente diferente.

No Brasil, a discriminação tenta pôr os negros na invisibilidade?

Isildinha - Exatamente. Ao ser colocada na invisibilidade, a pessoa se torna um fantasma. Agora quando se tem noção clara dos mecanismos de discriminação - como e por que ela surgiu; quais as ideologias que a sustentam - a pessoa tende a tomar posse dessa história de um outro lugar. A partir desse conhecimento, ela se transforma em um cidadão ou cidadã que se dá o direito de, se outorga o direito de. Quando entendemos que temos direito a ter direitos, lutar é um prazer.

Caso contrário?

Isildinha - Quando a pessoa não entende que tem direito, a luta passa a ser um peso, vira tormento, porque não se sabe exatamente pelo que se está lutando, nem para quê, nem contra o quê, nem a favor do que, nem para onde se vai, e nem para onde isso vai levar. É muito ruim.

Em geral, as palavras preconceito, discriminação e racismo são empregadas indiscriminadamente. Como você conceituaria cada termo?

Isildinha - De uma certa forma, o preconceito nos faz preservar nossa identidade, nosso caráter identitário. Por exemplo, se eu sou corintiana obviamente acharei que os são-paulinos são um horror. Direi: “o São Paulo é péssimo, ele não joga. Já Corinthians por mais que perca, é o melhor time do mundo.” Nesse caso, o preconceito ajuda a me perceber parte de um grupo. Em outros casos, ele ajuda a me perceber parte de um lugar, de uma etnia, de um conjunto de valores. A discriminação é mais perigosa, porque segrega. Voltando ao exemplo das torcidas: quando eu impeço os são-paulinos de ir para o estádio, eu estou discriminando. Agora, o dia em que eu disser: “todos os são-paulinos devem morrer”, eu estou obviamente sendo racista. O racismo busca se justificar em “supostas inferioridades” de ordem biológica, se liberando para o descarte.

Então somos todos preconceituosos?

Isildinha - O ser humano na sua natureza é preconceituoso. Para criar o caráter identitário, temos como base o preconceito. O preconceito ajuda a diferenciar um grupo de outro. Agora, quando esse viés da natureza humana se exagera, caímos na discriminação e quando ela se fecha absolutamente caímos no racismo. A partir daí é o horror. Hitler não nos deixa mentir acerca das consequências do racismo.

Na formação do AMMA, você falou do ideal de alcançar a brancura.

Explique melhor.

Isildinha - A brancura está posta para a humanidade como a perfeição. Não importa qual a raça, a etnia, a cultura em que viemos, todos temos o ideal da perfeição. A brancura seria a perfeição. Quem não gostaria de ter nascido um grande músico, um grande poeta, um grande médico? As crianças dizem: “Quando eu crescer, quero ser um grande cientista, um gran-

de bombeiro, uma grande bailarina.” Ninguém que ser “pequeno”. Posto que o modelo das grandes atitudes ou das grandes obras vieram dos brancos e não dos negros, eu digo que a humanidade é desejanse da brancura. Até porque Deus e Cristo são representados como brancos, o céu é dos brancos! Quando falo brancura penso no branco como ideal de pureza. Os humanos são desejanse da pureza, mesmo porque nenhum ser humano, de nenhuma etnia, se sente puro, brancos e negros. A brancura está para além dos brancos.

Então sempre existiu esse afã de alcançar a pureza?

Isildinha - Pureza inatingível. Mesmo aquilo que consideramos perfeito está sempre aliado à imperfeição. Na verdade, nenhum gênio foi desprovido de defeitos ou do seu lado malévolo. Isso é interessante. Por exemplo, Amadeus Mozart (1756-1791) foi um gênio da música mas psiquicamente desequilibrado. Louis Althusser (1923-1998), outro gênio, matou a mulher. Não existe a perfeição nem entre os chamados “gênios”. A brancura é um ideal porque ela não existe. No fundo, todos nós, negros e brancos, temos esse desejo de perfeição.

No Curso, você falou também sobre a importância de as pessoas refletirem acerca de seus ancestrais.

Isildinha - A ideia de família para os negros é muito recente. Os negros chegaram no Brasil como escravos. Éramos considerados peças, coisas, objetos e vendidos enquanto tal. Não éramos vistos como seres humanos. A família nuclear tem origem no casamento e os negros não podiam se casar entre si. Podiam e deviam procriar. Cada senhor tinha um negro que era o reprodutor. As crianças negras eram vendidas antes de nascerem. A escrava tinha como função amamentar o filho do senhor, mas não o seu próprio filho. O seu filho era amamentado por quem estivesse disponível na senzala.

Até que chegou a Lei do Ventre Livre.

Isildinha - Foi a primeira possibilidade da criança negra permanecer com a matriz, isto é, com a mãe. A origem da família negra é matriarcal, não é patriarcal. Com o Ventre Livre (1871) a escrava tinha o direito de ficar com o seu filho, mas não havia nada em relação ao direito do pai ou acerca do casamento. Como herança dessa circunstância, até hoje, as figuras fortes das famílias negras são as mulheres. E muitas famílias ainda seguem gregárias. Muitas crianças não sabem quem é o pai.

Ou ele foi embora.

Isildinha - Durante séculos de escravidão, os homens negros não tinham o direito a pensar em casamento, porque a escrava era um objeto do senhor. O senhor poderia possuí-la. Vamos lembrar que a ideia de casamento é ideia de território e de posse. O homem negro nunca pôde ser “dono” de uma mulher. Ele não tinha direito a nada. Era desprovido de qualquer sentido de posse, seja de coisas materiais ou de vínculos afetivos e sociais. Jogar luz nessa questão desmonta o mito de que os negros são incapazes de fazer família.

Essa força da mulher negra se estende até os nossos dias?

Isildinha - A mulher negra tem uma posição de poder dentro do que se entende por família. Quem manda na família negra é a mulher. O homem negro está subordinado à mulher. No entanto, do lado de fora da família o masculino segue representando o poder. O falo ainda é um poder muito grande. É preciso entender que a categoria mãe é recente para a mulher negra. Mas quando ela pôde ser mãe, ela usou de toda a sua força para manter isso. Em geral, a mãe negra é uma mãe feroz, controladora, dominadora. Lembrando um pouco de Jung (1875-1961), pensando na força dos arquétipos, entendo que a maternidade é absolutamente forte para a mulher negra. Dificilmente ela abre mão dos seus filhos, nem que seja para andar com eles na rua, arrastando meia dúzia de filhos. Ela não abre mão da maternagem.

Afinal o que é auto-estima? Qual a relação entre auto-estima e assumir a negritude?

Isildinha - A auto-estima é importante para brancos e negros. Ela é uma construção. Nenhum de nós, branco ou negro, nasce com auto-estima. Nós construímos nossa auto-estima ao longo das relações originais, afetivas, sociais. A auto-estima é aquilo que nos reconhece do lugar positivo, do lugar do possível, da possibilidade. Sempre que há uma impossibilidade de reconhecimento, instala-se a baixa auto-estima. Quem sofre discriminação não pode ter uma boa auto-estima, porque não tem o reconhecimento. Até para que o racismo se mantenha, tem que se manter a baixa auto-estima. Como fazer isso? Por meio da ideologia de que o outro é inferior.

Voltamos à história do olhar.

Isildinha - A auto-estima é o que nos dá confiança de que somos queridos, amados, capazes. Agora se somos vistos como uma “coisa” suja, ruim, nojenta, como é que nós vamos ser capazes de fazer alguma coisa de bom? Impossível! É impossível ter auto-estima num regime racista.

A sociedade brasileira está menos racista?

Isildinha - Ela sempre foi e continua sendo racista. A diferença é que hoje o racismo está mais exposto. A máscara começou a cair e quanto mais ela cair menos dor teremos. À medida em que o mito da Democracia Racial ruiu, nós, os negros, deixamos de nos imaginar birutas, loucos, lutando contra o nada. A Democracia Racial era uma enorme mentira que só nos fez mal.

O racismo é feito de ignorância ou de ódio?

Isildinha - O racismo é feito da ignorância e o ódio é um elemento da ignorância. O racismo é destruidor na sua essência. Normalmente se é racista por ignorância. As pessoas não têm o hábito de pensar por que é que elas optam por uma coisa e não por outra. Porque optaram por um modo de pensar ou por um modo de ser. Nenhum racista sabe explicar porque é racista. O motor fundamental do racismo é a ignorância.

Você acredita que as leis anti-racistas, a Lei Educacional do Estudo da África, as Ações Afirmativas ajudarão a população negra brasileira a melhorar a sua qualidade de vida?

Isildinha - Entendo que as leis são importantes até que a gente aprenda. Uma lei nos obriga a pensar, a nos posicionar em algum lugar. Então a lei nos educa. As Ações Afirmativas ajudam os negros a pensar acerca dos seus direitos e ajuda os brancos a pensar nos direitos dos negros. Também há problemas, sabemos que as Ações Afirmativas não trouxeram para os negros norte-americanos nenhum paraíso; trouxeram alguns benefícios. Em suma, penso as Ações Afirmativas como uma etapa, não como uma panacéia para todos os males. Elas significam um bom começo.

O que ainda não aprendemos?

Isildinha - Não aprendemos que a diferença não faz mal. A diferença é rica. Sonho com o dia em que possamos ver na diferença estímulos de crescimento, enriquecimento, possibilidade de sermos felizes.

ATIVIDADE COMPLEMENTAR: A REPRESENTAÇÃO DE NEGROS E BRANCOS NO IMAGINÁRIO SOCIAL

Parte integrante da metodologia do Curso “Efeitos Psicossociais do Racismo” foi a aplicação de atividades extra-curso. Os participantes foram instigados a entrevistar pessoas nas ruas e no ambiente de trabalho. A seguir, o resultado do trabalho de dois participantes .

Leia as respostas à pergunta formulada:

“Qual a imagem que você tem de negros e brancos?”

NEGROS

- *População mais vulnerável em todos os aspectos.*
- *As mulheres negras são todas guerreiras, pois, mesmo com o mundo contra elas, resistem.*
- *Elas reerguem seu povo, reencantando e reconstruindo a nossa história.*
- *Imagem dos negros, (homem e mulher) mais negativa do que positiva em relação aos brancos.*
- *Vivem em um mundo diferente dos brancos, por causa do preconceito.*
- *Sofrem preconceitos.*
- *As negras são mais discriminadas.*
- *Os homens negros são menos discriminados, impõem mais respeito.*
- *Pessoas vencedoras, pois conseguiram driblar o racismo que não os deixa viver em igualdade.*
- *Sofrem com o preconceito da sociedade.*
- *Enfrentam preconceitos para trabalhar nas empresas.*
- *Ganham menos do que os brancos.*
- *Sofrem em um mundo racista e preconceituoso.*
- *São socialmente desfavorecidos.*
- *São julgados pela sua cor, não por aquilo que são.*
- *A mulher negra é uma mulher guerreira e muito sofrida.*
- *Estão excluídos tanto do mercado de trabalho quanto da sociedade.*

BRANCOS

- *Alguns brancos continuam reproduzindo a opressão.*
- *Os homens são oportunistas, se fundamentam em preconceitos para explorar e degradar outras pessoas.*
- *A mulher é cúmplice e beneficiária da opressão gerada sobre mulheres e homens de outras etnias.*
- *Conseguem sempre uma boa imagem.*
- *Pessoas sem problemas.*
- *São cheios de preconceitos.*
- *Sempre levam vantagem na busca de empregos.*
- *Pessoas preconceituosas (...) que estão aprendendo que o preconceito não leva a lugar nenhum.*
- *Alguns se acham melhores do que os negros.*
- *Eles têm muitas facilidades, principalmente no mercado de trabalho.*
- *Muita facilidade para trabalharem em qualquer empresa.*
- *Detêm mais privilégios.*
- *Não sofrem os mesmos preconceitos.*
- *São socialmente favorecidos.*
- *São preconceituosos com as pessoas negras.*
- *Acessam mais oportunidade, especialmente no mercado de trabalho.*
- *Não sofrem a desconfiança dos outros.*
- *Têm mais oportunidades na vida do que um negro.*
- *Penso que todos os brancos se beneficiam direta ou indiretamente do racismo.*
- *A imagem é de riqueza, fama e de muita inteligência.*

AUTO-IMAGEM DA CRIANÇA NEGRA

Formulou-se a seguinte questão: “uma menina negra queria ter o cabelo louro e liso como o da apresentadora Xuxa, tendo entrado num processo de auto-rejeição tão doloroso, a mãe, em desespero, comprou uma peruca para ela”. Confira algumas opiniões:

Negra, 20 anos, auxiliar administrativo

Acredito que a cor ou a textura do cabelo de uma menina negra, crespo ou liso, não influenciará a sua consciência racial. O principal é o que está no interior da cabeça e não no seu exterior. Afinal, nós queremos igualdade para todas as etnias. A versatilidade é bem-vinda: as pessoas podem mudar o cabelo e ninguém vai dizer que estão indo contra as suas raízes. A evolução da história faz com que as pessoas quieram ser diferentes das pessoas dos séculos passados.

Negra, 24 anos, estudante de Ciências Contábeis

Essa mãe precisará buscar mais conhecimento, pois se sua filha for aprender sozinha será pior, uma vez que a sociedade é fria e calculista. A menina talvez não consiga descobrir a verdadeira beleza de ser negra.

Negra, 23 anos, estudante de Jornalismo

Totalmente errada a conduta da mãe. Ela deve procurar exaltar as qualidades da menina, a beleza de ser negra e não camuflar a situação. Comprando uma peruca ela está admitindo que ser branca é melhor. Deve fazer um trabalho para que a filha se aceite, tenha auto-estima por ser negra, e não reforçar o estigma de que o cabelo louro e liso é melhor. Pela atitude da mãe, percebe-se que ela não possui boa auto-estima e muito menos consciência racial.

Branca, 42 anos, psicóloga

Esta mãe, ao comprar a peruca, reforça o processo de anulação e auto-rejeição vivido pela filha. Nem o desespero justifica esta atitude, pois imprime na filha a certeza de que só assim será aceita. Será que a mãe não partilha desta convicção? Pois de outra maneira, teria investido na valorização de suas próprias características e facilitado o sentimento de auto-aceitação.

Negra, 21 anos, auxiliar administrativo

A mãe deveria se informar sobre sua própria etnia para passar uma imagem positiva do negro, e não tentar “resolver” o problema comprando uma peruca loira. A menina com certeza irá crescer preconceituosa com sua própria cor.

Negra, 29 anos, advogada

Eu considero que é enorme a influência da mídia no processo de embranquecimento da nossa cultura, bem como nos nossos conceitos de beleza. Tudo leva a crer que não seria exigível, quando se trata de uma garota jovem, consciência racial. Especialmente quando se vê, como no caso levantado, que os pais não possuem essa consciência e não tiveram condições de preparar os filhos negros para viverem num “mundo branco”. Necessário se faz um trabalho psicológico e de contato com a cultura negra.

Não declarou a etnia, 18 anos, secretária

Do meu ponto de vista, isto acontece quando nós não nos gostamos. Quando a pessoa se gosta não deixa que sua admiração por alguém ultrapasse seu próprio eu.

O CORPO

“Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de ego do sujeito branco e o recusar, negar e anular a presença do corpo negro.”

Jurandir Freire Costa

O corpo é nossa casa. Casa que habitamos do nascimento até à morte. O corpo também é a nossa presença indelével nos espaços do mundo. Ele também é o lugar onde carregamos nossas razões e emoções.

O corpo nunca é passivo: o mundo imprime marcas no nosso corpo e nosso corpo imprime expressões no mundo. Há todos os tipos de corpos: gordo, magro, alto, médio, baixo.

Corpos brancos, corpos indígenas, corpos asiáticos, corpos negros são rigorosamente iguais: cabeça, tronco, membros, um coração, um fígado, dois rins, uma bexiga, um baço, dois pulmões etc. Uma única diferença fundamental: corpos femininos, corpos masculinos.

Então qual o sentido de falarmos em corpos negros e corpos não-negros? É um sentido político. Os corpos carregam, para além dos membros e dos órgãos internos, paisagens da História.

A cor dos corpos, os traços da exterioridade são colocados em espaços desiguais no mundo.

Durante a Formação sobre “Os Efeitos Psicossociais do Racismo”, os debates em torno do corpo foram uma presença constante. Não somente o corpo físico, mas também o corpo simbólico.

Também foram propostos vários exercícios corporais, entre eles, de relaxamento e autoconhecimento.

Liane Zink foi responsável por aprofundar o tema e desenvolveu uma dinâmica 100% emoção. Ela propôs que o grupo de participantes pusesse o dedo na ferida, “dramatizando” o silêncio familiar em torno do sofrimento dos escravos.



ENTREVISTA COM LIANE ZINK

ENTRE O SILÊNCIO E O GRITO

Para Liane Zink, o corpo e a mente batem em um só compasso. Sendo o corpo a ancoragem das emoções, advindas do próprio “eu” e, também, das circunstâncias sociais e históricas nas quais cada indivíduo se inscreve. Psicoterapeuta e educadora corporal, Liane é uma das diretoras do Instituto Brasileiro de Biossíntese – ramo do conhecimento que integra sentimento e pensamento.

Sua experiência profissional é larga e “enérgica” como ela. Com trinta anos de estrada, trabalhou em vários países. Portanto, teve o privilégio de conhecer e refletir acerca de culturas e posturas corporais diferentes.

Liane Zink enfrentou muita ignorância e preconceito em relação ao seu trabalho. Foi tachada de superficial ou “muito sexualizada” por intelectuais engessados. Por ser filha de um general do exército, durante os anos de ditadura, sofreu a desconfiança de colegas da universidade.

Dona do próprio nariz e da própria cabeça, Liane não se intimidou e construiu uma vigorosa história profissional.

Corpo e cultura se entrelaçam?

Liane - A cultura forma o nosso corpo. Por exemplo, o alemão expressa a raiva com muita energia. O japonês até que consiga expressar a raiva já passou por todas as questões. A cultura é uma ancoragem muito grande de forma, de corpo, de expressão, de emoção. Eu trabalhei com negras africanas. Elas são completamente diferentes das negras brasileiras.

Diferentes em que?

Liane - Elas, em geral, têm a cultura afro do poder da rainha, da altivez. São altivas: “eu vim da tribo tal, da qual eu sou a rainha-chefe”. Portanto, muito diferente da nossa questão com os escravos que achatou a auto-estima da maioria dos afro-brasileiros.

Você poderia resumir como foi o seu trabalho no curso do AMMA?

Liane - Não sei se dá para resumir, mas vou tentar. As perguntas foram: Que lugar eu ocupo no mundo? Como é que eu posso ocupar esse lugar? Com que poder? Como é que eu me nutro dessa ocupação? Planejei todos os exercícios e na medida em que fui trabalhando com a dinâmica de grupo, os exercícios foram crescendo em expressão de emoção, inclusive da emoção da raiva. Nós tínhamos planejado fazer uma constelação sistêmica, pois creio que é muito importante pensar sistemas hoje em dia. Por exemplo, como o corpo se inclui na cultura e nos vários sistemas. Daí, fomos montando a constelação sistêmica. Foi quase uma dramatização para trabalhar a questão das marcas da escravidão.

Como foi essa montagem?

Liane - Foi assim: havia uma moça no grupo que estava muito mexida com a história da avó, a história do escravo. Então, eu pedi para que ela escolhesse pessoas do grupo e as mandassem para o fundo da sala. Essas pessoas passaram a representar os escravos. Depois havia os que representavam os avós, pai, mãe, tios, tias. Pronto: estava formada uma constelação transgeracional. Na verdade, em toda constelação familiar existe um segredo.

Um segredo?

Liane - Até aquele momento da oficina eu não tinha absolutamente nada. Daí comecei a incentivar: “Vai ocupando esse lugar, vai pensando que você está no lugar do escravo”. Foi, então, que as pessoas que representavam os escravos começaram a cair, não conseguiam andar, choravam. Um rapaz foi se torcendo em uma dor. A segunda geração, a do pai e da mãe, não olhava para aquilo. Não olhava para a dor dos escravos. E esse era o segredo.

O segredo de não falar da dor e da humilhação sofridas?

Liane - Exatamente. Muito diferente de quando eu trabalho em Israel, onde todo mundo fala, o tempo todo, do Holocausto. No Brasil, há o silêncio em relação à escravidão. Aquela dor horrível dos escravos é silenciada. O grupo ficava de costa para eles. Os escravos gritavam, caíam no chão e choravam. Isso aconteceu espontaneamente. Por quê? Porque é um lugar de alma, vamos falar assim. A moça foi se afastando cada vez mais. Ela chorou muito, entrou em um estado de angústia muito grande. Então eu pedi que todos olhassem para os escravos. Pedi que não fugissem deste olhar.

E qual foi o desenlace?

Liane - Fomos descobrindo o porquê desse silêncio. Qual a razão de não contarem essa história? E a moça realmente não quis ver, ficou em pânico, apavorada. Eu disse para os escravos: “Honro vocês, integro vocês no meu coração, eu perdôo vocês por não terem me falado, mas eu vou seguir o meu caminho, agora é a minha história”. A moça saiu em direção à porta. Foi um exercício pesado. Eu fiquei muito emocionada. Depois disso a gente faz uma cena ressonante - que é compartilhar o que ressoou em todo mundo.

O que as pessoas falaram?

Liane - Todo mundo falou: “Realmente, ninguém me contava nada, toda vez que eu perguntava, a minha avó dizia que não podia falar”. Todos choraram muito, porque pegou no segredo, na ferida. E era essa a questão. De alguma maneira, enquanto o Brasil não pedir perdão aos descendentes dos escravos, o país não irá para frente. Teve uma hora em que eu pensei: “Tenho vontade, como representante do Brasil, de dizer: me perdoem. Eu estou envergonhada com tudo isso”. Mas engoli o choro, engoli a minha emoção porque eu achei que não podia sair do meu lugar de líder naquela situação.

Senão seria um descontrole...

Liane - Mas esse foi o meu erro. Como a minha emoção não apareceu, eu fiquei de novo no lugar daquele que escraviza, do branco... Eu deveria ter dito: “Esta história também é minha, eu não estou fora disso, eu tenho que me integrar também”. Agora, o importante é que o trabalho, que fizemos, veio de uma estrutura de corpo. Pôr o pé no chão, organizar a energia, dar vazão à expressão de energia. O pico do trabalho foi a constelação – onde a gente pôde olhar, dentro de cada pessoa, a questão da escravidão. O silêncio de não contar a história dos maus-tratos, de não contar todo o sofrimento.

Um pacto de silêncio?

Liane - O oposto da reação dos judeus em relação ao Holocausto. As vítimas do nazismo contam tudo: “Ah, não olhou para mim, não deixou eu comer um pão naquele dia”. Falam das mínimas coisas, eles estão o tempo inteiro lembrando. E aqui o segredo foi esse silêncio. O que mais me impressionou, na dinâmica, foi a reação da jovem. Ela não queria escutar o lamento dos “escravos”. Ela sentia raiva e muita tristeza. Como se ela dissesse: “Esta história não me pertence”. No entanto, óbvio, é impossível fugir da própria história.

Seu trabalho dá uma grande ênfase ao corpo simbólico. Por quê?

Liane - Sim. Interessa-me saber como o corpo dói, como ele não dói. O corpo orgânico é cheio de amarras. A cada trauma ou a cada dor, o corpo forma couraças musculares. Só que, além disso, existe uma imagem corporal interna, que chamamos de corpo simbólico. Esse corpo é como a pessoa constrói a imagem do próprio corpo dentro da mente. A pessoa vai construindo este corpo simbólico a partir da relação com a família, com a mãe, com o pai, com a comunidade. Eu trabalho com o corpo orgânico e com o simbólico.

Nem só do corpo orgânico somos feitos...

Liane - Tudo o que está embaixo, tudo o que o seu inconsciente está formando, tem a ver com o corpo simbólico. Por exemplo, pessoas que são anoréxicas têm um corpo simbólico dentro delas dizendo que são gordas. Por mais magras que sejam, se sentem gordas. Não adianta apelar para a “razão” nem dizer para elas se olharem no espelho.

Você acredita que a discriminação e a humilhação vão para o corpo? Elas se imprimem?

Liane - Corpo e mente funcionam juntos. A primeira experiência de um bebê se dá por sensações corporais. A gente poderia dizer que o corpo nasceu primeiro. Depois, vem a mente. O

corpo é o palco das emoções. É nele onde eu me coloco, onde eu me faço. Então, humilhação, abandono, raiva, tristeza, poder, prepotência vão se estruturando no chamado corpo simbólico e no corpo muscular. Nós temos que fazer uma leitura corporal das emoções.

Isso é muito interessante.

Liane - Por exemplo, a emoção da humilhação apareceu muito na dinâmica que fizemos no curso do AMMA. A primeira coisa que os “escravos” fizeram foi baixar a cabeça. Não adianta você dizer: “Levanta a cabeça”. A pessoa humilhada pode até levantar, mas dentro dela a atitude será sempre de cabeça abaixada. A gente olha a postura corporal e vai lendo todas as emoções que estão colocadas nesse corpo. É importante juntar a leitura da história com a leitura do corpo. Não existe uma dissociação entre corpo e circunstância.

Você já se sentiu discriminada?

Liane - Eu tenho um metro e setenta e seis. A minha família é muito discriminada no Brasil. Meu filho foi embora para o Canadá por se sentir tão discriminado. Ele falou outro dia ao telefone: “Mãe, aqui eu me sinto menos E.T.” Eu tenho uma família muito alta mesmo.

Você já sentiu discriminação por ser mulher?

Liane - Claro! Uma vez fiz um contrato de trabalho na então Tchecoslováquia, no período comunista. Eu fui com um assistente homem. Na hora do pagamento, eles deram o dinheiro na mão do assistente. Na Alemanha, em outro trabalho, quando eles tinham que me pagar o faziam com desprezo: “Você é uma mulher sul-americana que vem aqui e nós, os grandes médicos terapeutas, temos que pagar para você”? Eu senti que eles pagavam com discriminação por eu ser mulher e sul-americana. Ao mesmo tempo que eles se submetiam ao meu conhecimento, eles me pagavam com discriminação.

O Brasil está menos racista?

Liane - Não acredito. Mas acredito que a questão da negritude está posta fortemente. Os brancos estão sendo obrigados a encarar o racismo brasileiro. Agora, a percepção do racismo não é a mesma em todo o país. Eu morei na Bahia, tenho um filho baiano. Lá eu sentia uma integração maior, apesar da discriminação. Tive várias amigas negras. Já em São Paulo, sinto ainda essa coisa meio apartheid. Por aqui, ainda tem aquela história do elevador social. Hoje mesmo, eu estava dentro de um elevador com mais gente, então entrou uma mulher negra. Uma branca lançou aquele constrangimento de olhar.

Como é o constrangimento de olhar?

Liane - Aquele olhar forte de desprezo que mantém o outro à distância, que parece dizer: “Não encosta em mim”. Então olhei para a plaquinha que proíbe a discriminação e olhei para a mulher branca. Acho importante que existam leis que coíbam a discriminação, porque sai no jornal, na Tv, em suma, cria uma agitação. É importante que as vítimas sintam que há leis que as protegem. É um primeiro passo.

Na sua opinião, as mentalidades e os corpos podem evoluir? O ser humano sente vontade de melhorar?

Liane - Eu sou filosoficamente otimista. O ser humano pode melhorar. Emocionalmente, creio que já mapeamos muitas coisas. Mesmo quando uma pessoa está muito deprimida, ela tem a possibilidade de passar pela depressão sem morrer. Ela pode ir em direção à vida. Por outro lado, vivemos uma época de narcisismo exagerado, na qual o indivíduo pensa: “Eu construo a mim mesmo, pode deixar que eu me faça”. E claro, isso é mentira.

O que é mais forte o eu ou as circunstâncias?

Liane - Os dois. O eu é construído em relação com a mãe, a matriz materna, ele se constrói primeiro. Depois vêm todas as circunstâncias de vida: os traumas, se nasceu na Europa ou se nasceu aqui, se nasceu branco ou negro, se é menina ou menino, pobre ou rico. Agora existem momentos da vida em que o “eu” está mais confiante, a pessoa está feliz com o que cria, sua auto-estima está alta. Nesse momento, a pessoa consegue transformar um pouco suas circunstâncias. Em outros momentos o “eu” aparece mais fragilizado, a auto-estima baixa, a pessoa não tem a mínima confiança em si mesma, aí as circunstâncias ficam mais fortes. Eu tenho clientes que chegam e falam: “Estou me sentindo bem, estou lidando com as circunstâncias da minha vida, com o meu divórcio, com a perda do emprego etc.” São momentos nos quais nos sentimos conectados às coisas da vida, em uma dança de fruição. Mas, na maioria das vezes, nos sentimos em um descompasso, entre o que queremos e como a realidade é. Na maioria das vezes sentimos a hora da menos valia, a hora do poder, a hora das circunstâncias mais poderosas. Então precisamos trabalhar para conseguir um equilíbrio entre o “eu” e as “circunstâncias”

Efeitos psicossociais do racismo, isso faz sentido?

Liane - Todo o sentido. Nesse caso, são as circunstâncias sociais e históricas que interferem no corpo psicológico. Foi o que vimos na oficina do AMMA: os “escravos” sem voz, sem poder gritar, sem poder falar. Quer dizer, eu acredito que o emocional é feito por meio do social, como a gente acabou de falar. A pergunta é: como emocionalmente podemos quebrar essas amarras?

ATIVIDADE COMPLEMENTAR

REVENDO CONCEITOS: PRECONCEITOS E ESTEREÓTIPOS

Um dos exercícios propostos aos participantes do curso, suscitou um debate acalorado. As pessoas tiveram que escolher três grupos e associar estereótipos e preconceitos em relação a eles. O debate que se seguiu às escolhas foi muito rico. Mostrou o quanto estamos eivados de estereótipos e prontos para os preconceitos. Mas o debate também comprovou que os preconceitos podem ser desconstruídos.

ESTEREÓTIPO

O estereótipo categoriza, funciona como um CARIMBO: as pessoas deixam de ser vistas por suas reais qualidades e passam a ser julgadas pelo carimbo recebido. É uma caricatura, uma imagem mental coletiva que apóia o preconceito.

PRECONCEITO

É um conjunto de idéias preconcebidas, de opiniões e crenças negativas em relação aos grupos racialmente discriminados. Em psicologia social, o preconceito é também um fenômeno político, que envolve PERCEPÇÃO e ATITUDE.

Dos grupos relacionados a seguir, escolha três (3) e transcreva-os no quadro abaixo :

INDÍGENAS	ESTRANGEIROS(AS)	IDOSAS(OS)
PORTADORES DE DEFICIÊNCIA	MULHERES	HOMENS
PORTADORES DE HIV/AIDS	NEGROS(AS)	BRANCOS(AS)
GAYS	ASIÁTICOS	LÉSBICAS

NO QUADRO ABAIXO:

Descreva o ESTEREÓTIPO mais marcante que a sociedade atribui a cada um deles.

Identifique ao menos um PRECONCEITO que você tem ou já teve em relação a eles.

GRUPOS	ESTEREÓTIPOS	PRECONCEITOS
1		
2		
3		

Finalmente, reflita sobre as ATITUDES que em geral você tem, quando se relaciona com pessoas pertencentes a estes grupos.

Estereótipos, preconceitos são grandes questões, acompanham nossas vidas.

“Como é que eles funcionam? Quando é que a gente percebe que existem coisas que tomam a dimensão das representações? Podemos até dizer: eu aprendi que são atribuídas ao negro determinadas representações, mas acabo esquecendo que tais representações são estereótipos. Por quê? Porque os estereótipos têm uma força incrível, eles vão determinar os preconceitos nas concepções e atitudes. Creio que um antídoto seria aprimorarmos a nossa autopercepção em relação ao racismo. Um esforço individual de apropriar-se dos sentimentos.”

- Senti dificuldade de fazer o exercício. Não sei diferenciar bem o que é estereótipo e o que é preconceito.
- Eu tenho um preconceito geral contra asiáticos. Tenho problemas com japoneses, em particular. Tenho dois grandes amigos, uma mulher e um homem, de origem japonesa, mas não gosto do jeito que eles se relacionam com o país. Essa coisa de "eu vim de outro país". Eu reconheço o poder que eles tiveram de reconstrução no país deles, tenho todo respeito. Mas acho que eles vêm para o Brasil com a idéia de se apropriar, ganhar dinheiro. Eles não se misturam. Isso me incomoda muito.
- Acho que isso é uma generalização perigosa. As culturas têm as suas diferenças. Mas nenhuma é melhor ou pior do que a outra.
- Tento enxergar no macro. São poucos os laços que tenho com japoneses. Lembro que tentei conhecer o Budismo em uma época. Lembro da minha dificuldade ao saber que poderia ter um neto japonês. Mas essas dificuldades precisam ser trabalhadas.
- Não sei se não gostar de um grupo é preconceito. Acho que preconceito é algo apoiado na caricatura, no estereótipo. Apoiado na representação dos valores atribuídos a um determinado grupo e que não corresponde à realidade. Quando generalizo, eu falo de uma conduta geral: esse grupo age dessa forma etc. Eu sei que não é uma coisa real: "todo japonês age assim".
- Japônês é uma cultura imensa e, como todas as outras, maravilhosa. Para mim, lutar contra estereótipos e preconceitos é uma postura global. Se eu tenho preconceito contra um grupo humano, eu tenho contra todos os grupos. Os "japoneses" não se apropriaram porque são japoneses. Fizeram isso porque foram imigrantes.
- Eu não vejo assim. Os japoneses fazem festas em que só eles participam.
- Bom, os judeus também fazem festas só para eles. Qual é o problema?
- Também existe o preconceito positivo, o estereótipo positivo: "todo japonês passa no vestibular".
- A gente tem que tomar cuidado. Por exemplo, você pode criticar os alemães por isso ou por aquilo. Isso não significa que você vai desenvolver um preconceito contra os alemães: "os alemães são nazistas". Eles não são nazistas, alemãozinho não nasce nazista.
- Para mim, todos os estereótipos são muito lentos e bobos. Ver com estereótipo é o contrário de ver com inteligência.
- Eu acho que gostar ou não gostar é um direito meu.
- É verdade, você pode gostar ou não gostar. O que você não pode é discriminar, prejudicar o outro por conta do seu gosto.
- Estava pensando na flexibilidade e rigidez do preconceito. Quanto é que o preconceito pode ser mudado?
- O que não acredito é na frase: "não tenho nenhum preconceito contra negros. Meu preconceito é contra os árabes ou judeus." Para mim, essa pessoa segue preconceituosa. Ela não entendeu nada sobre estereótipos e preconceitos.
- Não é necessariamente imutável. Eu já tive preconceito. Não

é uma coisa que você tem e vai morrer com isso.

- *Tive dificuldade com este exercício. Dificuldade em expressar meu preconceito. Passou muito por essa coisa da falta de conhecer. Uma vez, a partir de uma experiência de trabalho, conheci uma aldeia indígena. Tive a oportunidade de ver os processos de organização, de educar as crianças. Enfim, toda uma vida social. Percebi que meu preconceito foi nunca ter pensado que os indígenas se organizassem. O mesmo com portadores de HIV, na década passada, eles eram relacionados rapidamente a que? A afeminados. Uma idéia de quem tinha o vírus HIV era homossexual. Durante esse período, até eu descobrir o que significava o HIV realmente, achava que era isso mesmo. Achava que eram essas pessoas que tinham a doença. O estereótipo dos idosos é de que são aqueles velhinhos que estão cuidando dos netos ou são pessoas doentes que estão no hospital. A partir do momento que você faz a leitura de que idoso não é necessariamente aquele que está na fila do INSS ou na fila do hospital, você começa a mudar sua relação com eles.*

- *O preconceito tem muita a ver com a ignorância, com o desconhecimento do outro. Eu convivi com homossexuais da infância até a adolescência e achava muito estranho a imagem negativa que eles tinham na tv, as piadinhas. Eu não via eles fazendo os tipos de coisas que a*

tv mostrava. O meu preconceito mesmo foi em relação à Aids, associá-la automaticamente aos homossexuais masculinos.

- *Quando começamos a falar dos estereótipos, pensei que a gente ia relacionar brancos e negros, estereótipo em cima dos negros e dos negros e conseqüentes preconceitos. Por exemplo, o negócio do samba, “branco não samba tão bem”. Isso é um estereótipo e que leva ao preconceito de que “branco não tem ritmo”. Outra coisa interessante é que para haver estereótipo tem que existir comparações. Funciona em dupla. “Brancos sambam mal / negros sambam bem” ou “Negros falam alto / brancos falam baixo” etc.*

- *Outro estereótipo é com os homens. A história de que eles sempre querem transar, sempre estão a fim de transar. E o preconceito é que você não confia totalmente neles.*

Mas será que sempre eles querem transar?

- *Meu preconceito foi formado por reiteração de que os indígenas “adoram a natureza”. Isso é positivo, adorar a natureza. Mas daí eu embarquei no estereótipo de que os indígenas são “naturalmente infantis”. Exóticos.*

Nós somos educados para os estereótipos. Por exemplo, ter a imagem do indígena como preguiçoso. A imagem de que eles

não trabalham com a terra, não fazem nada.

Na verdade, eles são muito mais avançados. A concepção de vida da sociedade, de estrutura social. Mesmo que fossem mais “atrasados”, a pergunta é: mais “atrasados” em relação a que?

- *Quando me relaciono com pessoas brancas, em geral, tenho muita reserva. Acho que é um tipo de preconceito também. Tenho reserva porque tenho medo de ser machucada.*

Gato escaldado tem medo de água fria.

- *O estereótipo e o preconceito são muito próximos porque o preconceito é apoiado pelo estereótipo. O estereótipo está muito colado também em como vou perceber o outro. Quer dizer, ele vai interferir na minha relação com o outro.*

- *Eu me relaciono com as pessoas brancas, mas preciso de um tempo para me acostumar com elas. Não vou me relacionando logo que conheço, não converso de cara.*

Acho que é uma defesa, não é preconceito.

- *Em geral, os brancos falam: “Cuidado com os negros, são bandidos, marginais, estão assaltando as pessoas. Se você vir um negro, de madrugada, tem que sair correndo”. Então desenvolvi um preconceito por medo de ser agredida. É estereótipo e preconceito.*

- Outro preconceito é contra as mulheres. A história de que são frágeis.

Também tem o estereótipo em relação às mulheres negras, de que são quentes, gostosas, sabem sambar. É o que mostram nas novelas.

- O estereótipo de que todo judeu é sovina, todo negro é ladrão, todo gay é promíscuo, toda mulher é frágil. Essas coisas estão dadas. É o estereótipo da sociedade e nosso também. Nós fazemos parte da sociedade.

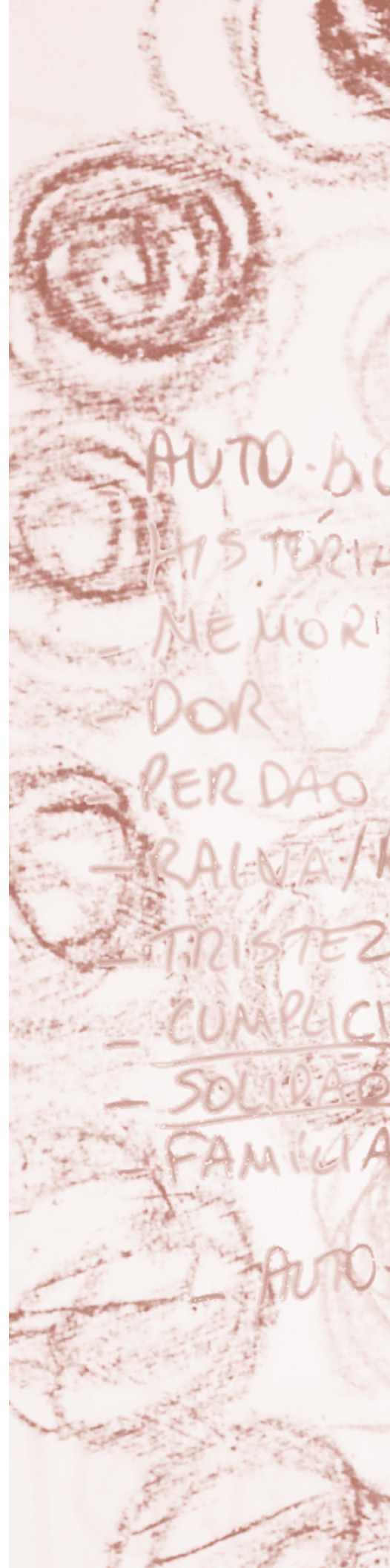
- O estereótipo, muitas vezes, vai detonar minha relação com o outro. Vai determinar minhas atitudes em relação a ele ou ela. Por exemplo, um homem negro correndo na rua, alguém sempre vai falar (ou pensar); “Segura a bolsa que é ladrão”. Essa é a imagem. É diferente do gostar ou não gostar de uma pessoa ou de uma nacionalidade. Se dizem: “Todo japonês é inteligente”, cada vez que eu estiver diante de um japonês, vou esperar que ele dê grandes soluções. Se sou um recrutador em uma empresa, e na seleção tiver um branco, um negro, um japonês os estereótipos irão favorecer alguns e prejudicar outros.

- Creio que o preconceito é a materialização do estereótipo.

- Outra coisa interessante do estereótipo é que ele “economiza” o pensamento. Quando você aplica o estereótipo você pensa menos. É um carimbo: “negros, à noite, assaltam”. “Policial é sempre violento”. “Homem branco, de terno e gravata, é executivo”. “Velhinhas são sempre honestas”, e assim por diante.

Interessante é a vingança do estereótipo. O cara branquinho, bacana, assalta com facilidade porque a vítima esperava um cara negro, pobre.

Os bandidos agora pensam: “É fácil, é só se vestir de outra maneira”...



A DOMINAÇÃO

HUMILHAÇÃO POLÍTICA: DOMINAÇÃO E ANGÚSTIA

ENTREVISTA COM
JOSÉ MOURA GONÇALVES
FILHO*

A dominação é como o diabo.

Quando perguntado: Quem é você?

Ele responde: Sou uma legião. ()*

AUTO-RETRATO

Sou tomado pelo gosto da comunidade. Sinto alegria em situações de comunhão com a natureza, comunhão com as coisas, com a cultura e, muito decisivamente, a comunhão com os outros humanos. Essa comunhão envolve comunicação. Envolve também o silêncio, um silêncio hospitaleiro, o silêncio da hospitalidade: estar solto na companhia dos outros, sem preocupação com agradar ou acertar. Comunicação e silêncio são como um colo: o colo da conversa, da colaboração, da interação e o colo da solidão compartilhada. Tornei-me um psicólogo social que procura enfrentar o problema da humilhação social, talvez porque humilhação social seja o contrário da comunhão. A humilhação social representa a ruptura da comunidade, muito especialmente da comunidade entre pessoas.

ENTRE O MATO E A UNIVERSIDADE

Nasci em Ribeirão Preto, porque meu pai, em inícios dos anos cinqüenta, mudou-se para lá e participou da fundação da Faculdade de Medicina. A Faculdade foi construída sobre o terreno de uma fazenda doada à Universidade de São Paulo, Fazenda Monte Alegre. Ele e os outros professores contaram com residência no próprio campus universitário. Havia casas em volta do prédio principal reservadas aos professores e suas famílias. Ao lado da minha casa havia um pomar. Do outro lado, sem muros separando, as casas dos vizinhos. Por todo canto, havia traços fortes do ambiente universitário: estudantes, professores, o movimento de um campus. Minha experiência de infância conjugou mato, universidade e convivência com gente ligada ao trabalho, trabalhadores muito modestos, o jardineiro, o lixeiro, a lavadeira. Eu tinha um amigo, Afonsinho: era filho da lavadeira e do jardineiro que trabalhavam para vários professores. Tomei café com leite e pão com manteiga na casa da Sueli e do Fernando, os pais do Afonsinho; joguei bolas de gude e estilingue no quintal. Convivi com pessoas pobres, visitei a modéstia e a casa deles, fui recebido por eles, tudo ainda sem aquele sentimento demais pesado das desigualdades de classe e das barreiras. O sentimento havia, era amargo mas fraco. Os pobres são naturais com as crianças, são francos como não podem ser com seus patrões. E crianças passam por porteiros muito naturalmente. Depois, franquear porteiros vai depender de luta: o segredo é que a luta não dependa de esforço, mas do desejo e seja natural.

PSICOLOGIA SOCIAL

Minha profissão é praticar, pesquisar e ensinar psicologia social. Mesmo quando ocupado com psicanálise, o que também escolhi com entusiasmo, sou um psicólogo social. O pensamento sempre me pareceu um amigo. Falando mais concretamente: prezo muito os professores e os livros, sempre encarei professores e livros como parceiros. Muito

importantes, decisivos. Foi tanto amá-los e me tornei um professor também, um professor menor. Vim para São Paulo com dez anos de idade, em 1970. Foi só depois que minha profissão se definiu. Em meados da década de setenta, apareceu clandestinamente na escola – e representou para mim um fato muito importante de politização – um texto assinado por bispos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Este texto denunciava torturas e mortes no campo, provocadas por conflitos de terras. Lembro que esta leitura descortinou, para mim, um mundo, uma realidade de violência que nunca eu tinha sentido até o fim. Já tinha certamente sentido a violência, mas nunca tinha sentido politicamente a violência, nunca havia sentido a violência como coisa que a gente pode juntos contrariar.

Chegava a consciência da dominação, a consciência da violência que parte não da natureza mas da história. A violência alimentada não por forças do ar ou da água, forças do fogo ou da terra, mas a violência alimentada pela força humana. Não a fúria das ventanias, das tempestades e das enchentes, não a violência dos incêndios, dos terremotos ou das feras, mas a violência muitas vezes furiosa das forças sociais, a violência dos grupos, as pessoas associadas por interesse, a força das classes dominantes e a força da subserviência, a força da servidão voluntária. É a violência que juntos praticamos e que juntos podemos contrariar.

Com o passar do tempo, tornei-me uma pessoa ligada a pessoas que, por sua vez, eram ligadas a comunidades eclesiais de base. Eram moradores da Vila Joanisa. A influência dessa gente foi tão forte que não tive dúvida de querer o meu trabalho comprometido com aquelas pessoas e comprometido com causas e lutas populares. Não tive dúvida de que me encaminharia para alguma área de ciências políticas e sociais. Apesar disso, curiosamente, não fui diretamente para a sociologia ou para a história. Fui para a psicologia. A preocupação política me movia muito; ao mesmo tempo, o sentido da política era para mim a defesa de gente. Para cientistas políticos e cientistas sociais haverá de ser assim: mas, para mim, eu talvez tivesse perdido este sentido se não tivesse me tornado um psicólogo.

O GOSTO DE GENTE

Eu esperava servir pessoas. Encontrei, então, Ecléa Bosi e a psicologia social. Passei a trabalhar com pesquisa, com docência, e prossegui com serviços comunitários antes assumidos na Vila Joanisa. Alguma tarefa clínica, pouca, mas importante e persistente, vivida com muita consideração, sempre me ajudou: prestar demais atenção à vida social pode embriagar, a gente pode um tanto abandonar a pesquisa de dentro. Havia um risco pessoal de me tornar distante e superficial em relação às pessoas: foi por necessidade e por precaução que pedi a mão dos psicólogos e dos psicanalistas.

A psicologia se torna psicologia social porque a alma humana tem raiz eminentemente social. Ouvimos sempre: os seres humanos são animais sociais. Isso quer dizer não apenas que a gente tem necessidade dos outros para contar com certos benefícios de vida. É evidente que a gente tem necessidade dos outros para morar, comer, vestir-se. Temos uma necessidade funcional dos outros. Mas a vida social não é só feita dessas necessidades nem sobretudo dessas necessidades. Nós temos, mais radicalmente, uma necessidade dos outros para alcançar de modo mais sólido a experiência de nossa própria humanidade.

Há certas capacidades humanas que só assumem suficiente realidade em companhia dos outros humanos. Certas capacidades humanas de que a gente é potencialmente capaz não chegariam a se realizar, não chegariam a assumir realidade para nós, se não fossem praticadas em companhia dos outros.

BELEZA

Os seres humanos são capazes de apreciar a beleza das coisas, o que significa que somos capazes de nos deter longamente na mera aparência das coisas. E de um modo desinteressado, sem nada pedir delas. Não estou falando aqui da fruição de beleza que é controlada pelo mercado das imagens. O mercado das imagens confunde beleza e aparência padronizada. A beleza é um fenômeno ligado à aparição e não tanto à aparência. As aparências são rastros deixados pela beleza, mas beleza é aparição.

A beleza sempre está associada à liberdade de manifestação. A beleza das pessoas é ligada de perto à liberdade de agir, de falar, de movimentar-se no meio dos outros. Também a liberdade de sossegar no meio dos outros. Pessoas livres são necessariamente muito bonitas. A experiência de olhar a beleza das pessoas justifica-se por si mesma, não tem outro fim senão transcorrer: a beleza não é como instrumento para outra coisa, mas ela mesma vale a experiência.

E a beleza é dessas experiências que, se a gente não compartilhar, pode ficar perdida. A gente pode, no isolamento, deixar sem vigor a experiência. No meio de quem se fechou para a beleza e vive de aparências, a gente pode perder a capacidade de manter-se sensível ao que é bonito.



BELEZA E NEGRITUDE

Jussara Dias, Maria Lúcia da Silva e Maria Aparecida Miranda me trouxeram para muito perto do depoimento de jovens negros que se sentiam feios, meninas negras que se consideravam feias. Quando chamados a apontar o que achavam feio, respondiam: o cabelo, os lábios, o nariz.

Penso que devemos aprofundar o tema da dominação até este ponto, um ponto muito psicológico: existe alguma coisa incompatível entre dominação e beleza. A dominação torna feios dominadores e dominados para si próprios e uns para os outros, porque a dominação interrompe a aparição. Outra vez: a aparição entendida como a experiência viva das aparências, o que não é a mesma coisa que as aparências simplesmente. A aparição deixa como rastro aparências. Enquanto as aparências não são meros rastros da aparição, são um meio atual e vivo de aparição.

A pessoa dominada tende a viver sua pele e seu corpo apenas como aparência. Mas o que traz beleza é a aparição. Toda pessoa que aparece fica bonita, mesmo que sua aparência esteja em falta com o padrão social. Os padrões de beleza são formas fixadas de aparição, consagrados como representantes da beleza e, aos poucos, mais que representantes, são consagrados como sendo a própria beleza. Existe um controle social da beleza que faz com que o espectro das aparências bonitas estreite-se muitíssimo.

Sempre haverá muita gente fora do padrão oficial de beleza. A beleza, no sentido que estou reivindicando, é fenômeno mais originário do que o fenômeno de sua padronização. A beleza quase nada tem a ver com a beleza socialmente consagrada, amortecida, congelada. O fenômeno para o qual apelo tem a ver com a experiência de aparição. Todo mundo, contanto que livre do controle social da beleza, é capaz de admitir e de confirmar que beleza é aparição. Pessoas afastadas dos padrões controlados de beleza, quando aparecem, quando livres para aparecer, são necessariamente bonitas. Mesmo a pessoa marcada por defeitos corporais, sem a aparência do corpo normal ou oficial, é bonita quando aparece. E existe muita gente, em conformidade com o padrão social de beleza, que é feia, porque não está em liberdade.

A aparência sempre pode enganar. Posso rapidamente tomar alguém como bonito porque tem a aparência em conformidade com a beleza oficial ou em conformidade com a beleza que já vi antes noutra pessoa. Mas se durar o olhar – a experiência da aparição pede tempo, é diferente da instantânea experiência da aparência – pode acontecer da gente testemunhar a pessoa sem liberdade de aparição, pois tudo nela é imitação, é prisão, é controle dos outros. Desde então, fica logo feia.

A aparição depende da liberdade de falar, depende da liberdade de agir e depende da liberdade de sossegar. A dominação, atingindo em cheio a liberdade, impedindo a voz, o gesto e a quietude, atinge a porta de passagem da beleza, atinge a beleza.

Posto isso, acho que a gente nunca sabe de cara o que uma jovem negra quer dizer quando declara que se sente feia. Pode ser que se sinta feia por estar fora do padrão branco, independentemente de estar feia ou não quanto à liberdade. Há meninas livres, mas que se sentem feias. São meninas potencialmente lindas, mas que são vistas como feias por quem não tem liberdade, por quem se agarrou ao controle social e à ordem dominante e que, portanto, não tem olhos para a beleza, só tem olhos para o prestígio. Não tem olhos para as pessoas, só tem olhos para os prestigiados.

GOSTAR, VERBO INTRANSITIVO

Dona Zica, já falecida, morou a vida toda em Nova Lima, uma pequena cidade perto de Belo Horizonte. Nova Lima se formou em torno dos negócios da empresa mineradora Morro Velho. A cidade foi toda construída numa encosta de vale. Na parte baixa do vale estava a mineradora e formou-se também o bairro dos trabalhadores mineiros. Na parte média da cidade, em altura e em sentido socioeconômico, concentraram-se os técnicos ligados à mineradora. Na parte alta, os patrões que, a maior parte do tempo, foram capitalistas ingleses. Uma série de necessidades foi naturalmente se definindo e atraiu muitos outros agentes, ligados ao comércio, à escola, à saúde. E a cidade, então, foi se compondo integralmente.

As diferenças de classe sempre muito marcadas. Dona Zica era moradora da parte baixa da cidade, bairro dos mineiros. Casada com um senhor que se havia tornado cozinheiro em Morro Velho. O homem contava com a confiança dos patrões ingleses, tanto que era ele o cozinheiro escolhido para acompanhá-los nas caçadas de antas em finais de semana. O cozinheiro preparava a carne depois de abatidos os bichos. **Foi dona Zica quem me contou o caso e observou: “Os miolos de anta são bem saborosos, lombo eu nunca comi”. A desigualdade de classes, que operou a repartição dos bairros, também operava a repartição da carne.**

O fato é que um dos engenheiros de Morro Velho foi demitido. A casa em que residia, pertencente à mineradora, ficou disponível. Os patrões, em agradecimento ao cozinheiro, ofereceram-lhe o imóvel. Disseram que poderia adquiri-la mediante longas e suaves prestações. Ele consultou dona Zica e toparam a idéia. Os vizinhos apostaram que a mudança nunca ocorreria. Dona Zica contou que uma das vizinhas dizia: “No dia disso acontecer, as galinha vão ter criado dente”. Aconteceu, chegou o dia e a família levantou acampamento. Não sem alguma aflição: custava afastar-se dos vizinhos, os irmãos de classe, irmãos de destino. Dona Zica assegurou os amigos sobre a porta sempre aberta, mas não deixou de brincar com a vizinha: “Espia o fundo do quintal que, hoje, galinha não cisca mais milho e vai roer a espiga”.

Quando marido, dona Zica e filhos chegam à nova casa, recepção desagradável: a fiação e diversos canos tinham sido partidos. A família do engenheiro, já aborrecida com a demissão do pai, tinha se indignado com a notícia de que seriam sucedidos pela família do cozinheiro. Deixaram então o seu protesto. Dona Zica instalou-se assim mesmo. Com o tempo, tudo teria conserto.

E haveria tempo inclusive para um sonho antigo: um quintal de flores. Mãos à obra, dona Zica plantou flores e fez canteiros que, revezando-se, floresciam o ano inteiro. Dizem que o povo da cidade até se orientava sobre as estações do ano pelas flores que davam no quintal de dona Zica. Numa papelaria de

Nova Lima, encontrei dois e só dois tipos de cartão-postal da cidade: num deles, a fachada da mineradora Morro Velho, orgulho oficial de Nova Lima; noutro, a fachada era da casa de dona Zica e o seu jardim.

Mas a história prosseguiu. “Um belo dia, disse dona Zica, chega a madame ao meu portão. Uma senhora toda de amarelo. Sapatos amarelos. Meias amarelas. Saia, blusa e casaquinho – Amarelos! E levava um chapelão enorme, também amarelo! Tão grande que, quando aquilo pendia para a direita, a mulher tinha que se jogar para a esquerda, de modo que pudesse seguir em linha reta. A madame me viu assim no jardim, fez psiu bem alto. Atendi. E ela foi logo resmungando: Êêê, Zica! Eu aqui procurando um lote de gente e você me ocupando esse terreno todo com flor.” A mulher amarela falou por falar, de maneira estapafúrdia: o terreno, mesmo sem flores, não serviria para residência de madame. Mas a gente entende por que dona Zica conta a história, por que vai me dizer o que talvez não tenha dito para aquela senhora. Devolvida ao passado e ao portão, diante da madame, **Dona Zica agora parece pronta para finalmente retrucá-la. Olhou-me como se outra vez visse a mulher. Olhou-me de maneira muito grave, o rosto tomado de amargura, o dedo em riste apontando meu rosto: “A dona ’tava desfazendo da gente. Fosse casa dela, podia. O senhor sabe? Pobre também pode gostar!”.**”

Nunca mais esqueci a frase. Esse protesto contra alguém “desfazendo da gente”, colaborando para desmanchar a realidade da gente. “Desfazer” é palavra que, na cultura popular, quer dizer “desprezar”. É o verbo usado para assinalar golpes de desprezo e humilhação, golpes de rebaixamento moral e político.

O outro trecho: “Fosse casa dela, podia”. Dona Zica consciente de que a fruição de certas experiências, certos direitos, está reservada para uma só classe. E finalmente: “O senhor sabe? Pobre também pode gostar!”. Repare o uso intransitivo do verbo. Não se disse: “Pobre também pode gostar de flores”. Ela disse sim-



plesmente: “pode gostar”. É como se o experiência implicada na fruição de flores (essas coisas que não são nem refeição e nem instrumentos) fosse amplificada e generalizada: gostar; apenas gostar. Gostar vai então valer não uma experiência de consumo e nem uma experiência utilitária. Vai assinalar uma capacidade que, talvez dispensável para nossa grossieira subsistência, é indispensável para a nossa subsistência moral ou espiritual. Trata-se da capacidade de manter o sentido das flores e da beleza, uma capacidade incomparavelmente humana.

A atitude e a frase da mulher marcaram como um núcleo traumático a memória de dona Zica. Anos depois, dona Zica ainda lhe devia uma resposta. Uma resposta, tarde que seja, mas que acerte o ponto, parece imprescindível para curar o mal disparado. O mal, justamente, penso que consistiu na exposição de dona Zica a alguém que não lhe valeu como fiador de sua humanidade e como fiador de uma experiência humana. Sem reparar o rosto e a beleza de Dona Zica, sem afiançar a alegria de Dona Zica, a alegria de viver no meio de flores, no meio de coisas que não são de comer e nem de usar ou vender, coisas só de admirar, a senhora de amarelo ameaçou enfraquecer e roubar a realidade de dona Zica, das flores e da fruição de flores. A realidade e o sentido da beleza, a alegria disso, em Dona Zica, poderiam ter sido interrompidos por uma outra mulher. Mulher que, nesse caso, não abordou fraternalmente dona Zica, abordou-a de maneira soberba. Como uma patroa.

NÃO SOMOS SEM OS OUTROS

Nós somos animais sociais, não só porque a gente precisa dos outros para viver, mas porque a gente precisa dos outros para viver como gente. Há certas capacidades que a gente tem que não alcançamos sozinhos.

O indivíduo, inclusive, para fazer a experiência de si próprio, precisa do outro. Um indivíduo não é alguém em isolamento, apesar da palavra indivíduo, etimologicamente, associar-se à idéia de um ser destacado da convivência com outros seres. O indivíduo só assume singularidade se tiver alguém com quem compartilhar-lá, caso contrário fica um tanto apagada, fica sem realidade para ele próprio. Trata-se de um paradoxo que pode ser ainda mais radicalmente formulado: precisamos de laços para atinar com o fato de que somos separados. Somos irreduzíveis às relações que habitamos e de que partimos para atinar com nossa irreduzibilidade. Daí não ser difícil a psicologia se tornar psicologia social, contanto que o psicólogo mantenha-se atento à dependência que gente tem de gente, inclusive para viver sua radical alteridade.

A psicologia social quer justamente lembrar que as vivências se enraízam em convivências. Vivências podem ser rompidas em convivências, justamente quando a convivência é superada ou é impedida pela violência, pela violência política, pela violência moral. Violência política é interromper a iniciativa ou a voz, interromper a palavra dos outros. Não conversar; comandar. Não trocar; forçar, obrigar, subordinar.

A violência moral está muito ligada à experiência da visão e da escuta. Muito ligada aos olhos, ao impedimento do entreolhar. Muito ligada ao impedimento das trocas de atenção e de audição. Violência moral é a violência de olhar sem calma para os outros. Olhar com calma é ultrapassar a visão dedicada ao outro quando dele precisamos só para nos servir. Olhar com calma é olhar além das condições de trabalho e, sobretudo, olhar com calma é olhar fora das condições de dominação. O olhar, quando é calmo, dura, espoca o tempo, apóia o sentimento de que alguém é diferente de uma coisa. O sentimento de que é diferente até mesmo de um organismo. Apóia o sentimento de alguém enquanto tal: nem coisa e nem organismo, também diferente de nada, a pessoa aquém e além da identidade em que a capturamos.

É arriscado distinguir violência moral e violência política: são sempre reversíveis. O mais decisivo é percorrer estas comutações, até que se mostrem como lados de uma só trama, a frente e o avesso.

OLHARES NA VILA JOANIZA

Trabalhei e entrevistei mulheres migrantes da Vila Joanisa, periferia sul de São Paulo. Tinham assumido tarefas dos Centros de Juventude. Lembro uma história concreta. Perguntei para Natil como havia ingressado no Centro de Juventude São João, do qual ela se tornou coordenadora. Achei que mencionaria convocação para uma reunião ou luta. De maneira inesperada, ela contou ter passado pela frente do prédio do Centro de Juventude - que é casinha em pirâmide.

Curiosa, foi espiar o que havia dentro. Olhou por cima do portão. Neste momento, uma mulher está subindo a ladeira e os olhares se cruzam. Natil, muito constrangida, sentindo-se intrusa, bisbilhoteira, recolhe-se logo para a rua e vai apressando o passo embora. **A mulher alcança o portão, abre, volta-se para Natil e mal a chama com palavras; acena com as mãos e com lábios mudos: "Entra, pode entrar".**

Há um olhar de que nós todos somos capazes, mas que abandonamos na dominação. A dominação cega ou apressa a visão. A curiosa passou pelo portão e nunca mais saiu.

OUVIR, VER, NOMEAR

Penso, como Emanuel Lévinas, que ouvir os outros é um dom. Não depende de aprendizagem. Um dom geral, não é reservado a uma ou a outra pessoa. Ouvir é coisa de que a gente nasce capaz. Em que sentido? Veja o exemplo das crianças muito pequeninhas: não participam rigorosamente da conversação, não são ainda plenamente capazes disso; mas a voz dos outros chega-lhes com um poder enorme. A voz consola, abriga, faz ninar. Pode perturbar. A voz sem palavras, mero som, tem já um poder fabuloso: o murmúrio das mães, aquelas frases mais murmuradas do que ditas.

Do mesmo modo, penso que o rosto ganha o olhar das crianças, tem também um poder originário irresistível. Consola, abriga, faz ninar. As máscaras de olhos vasados ou vidrados podem horrorizar. Não há ninguém - a não ser mediante certas circunstâncias sociais - que não seja sensível à visão de alguém.

O nome é a palavra que vem justamente trazer linguagem à experiência de ouvir e ver alguém. Quando a gente ouve alguém, quem a gente ouve? Quando a gente vê alguém, quem a gente vê? O que faz o nome? O nome designa, aponta a pessoa, mostra, destaca, justamente sem defini-la, sem determiná-la, sem conhecer ou decifrar. O nome, quando pronunciado, não nos quer remeter a traços externos, traços que fazem nosso parentesco com coisas ou seres vivos, tampouco traços que aproximam ou distinguem pessoas e nem mesmo traços de personalidade.

Se eu digo "Francisco chegou", não estou dizendo a mesma coisa que "o paulista chegou". Suponhamos que o tal Francisco seja paulista. Ao dizer "o paulista chegou", digo menos do que digo quando digo: "Francisco

chegou". Se digo "o generoso chegou" também digo menos que "Francisco chegou". O nome tem lugar diferente de certos substantivos, de certos adjetivos que identificam alguém, que caracterizam alguém. Opera diferentemente. O nome aponta sem caracterizar e superando qualquer caracterização. Não deixa dúvida sobre quem interpelamos, mas interpela sem manjar. O nome chama não um traço da pessoa, chama a pessoa. Convoca alguém, não o torna objeto de percepção plástica, acústica ou objeto de conhecimento. O nome faz falar a outrem e convoca-o a falar: o nome prepara para ouvi-lo, mostrando atenção não simplesmente para "o que" vai falar, mas para "quem" vai falar. O nome dirige mais para quem diz do que para o que é dito.

Quando a gente ouve alguém, a gente ouve mais do que a pessoa diz, a gente ouve a pessoa. Quando a gente vê uma pessoa, a gente vê mais do que uma máscara facial: a visão é abandonada ao rosto como quem se abandona a alguém, a gente vê alguém. Alguém não se deixa ouvir como as coisas que fala.

Alguém não se deixa ver como uma aparência. Testemunhar a voz e o rosto de alguém é, mais radicalmente, testemunhar alguém mesmo.

O dom de ouvir e ver, entretanto, não resiste a tudo, especialmente pode não resistir à violência. Contra a violência, dispomos fundamentalmente do dom, ainda o dom, enquanto não estiver quebrado o doador ou antes que o dom fique sem o reconhecimento do doador embrutecido. Acrescente-se que, contra a violência, aí sim, a aprendizagem pode e deve contar. Nunca a aprendizagem mais que o dom, mas logo depois. A gente aprende a proteger o dom. A gente aprender a enfrentar a violência contra o dom. O segredo estará em que a aprendizagem não se arrogue substituir o dom e só comece quando muito antes houver sentido o começo do dom.

Para Emanuel Lévinas, o dom de ouvir e ver é o sentido da juventude. E por isso é que os jovens inclinam-se para a defesa dos outros humanos. A juventude é o traço de quem não perdeu o dom. Quem não perdeu dom é

sempre jovem. Bonita visão da juventude! Porque é uma definição ética da juventude. Não é definição etária. Jovem é quem permaneceu sensível e animado com a chegada e com a visita dos outros. Não fica sem responder e sem cumprimentar. O jovem permaneceu na audição e na visão de pessoas.

O jovem, por isso, é perturbado e inquieto com a violência política. E daí ser quem apóia lutas de direitos humanos. Os agentes de direitos humanos são joviais porque não perderam de vista o rosto e não perderam de audição o nome. Não perderam a compreensão de que tratar gente abaixo da condição de gente é faltar com uma necessidade que a gente tem desde o nascimento. A necessidade de respeitar gente.

O respeito por gente vem depois dos outros, não vem antes. Para respeitar pessoas, a gente tem que se expor a elas. Não se trata de aprender a respeitá-las para depois se expor a elas.

POLITIZAR

Há pessoas que são movidas pela sua fome e pela fome dos seus agregados. Há pessoas que tem o seu desejo colocado no atendimento de necessidades econômicas e que acabam vivendo a política, a cidadania, como uma extensão disso, uma função prolongada da vida doméstica. Quando então se envolvem em problemas públicos, será para melhor providenciar bens econômicos para si e para sua família.

Há pessoas que lutam em favor de supressão da fome que não é a sua e nem da própria família. Nessas horas, a experiência da fome é politizada: não é minha fome simplesmente, mas é a fome dos outros. Considero minha fome depois de passar pela consideração da fome dos outros. Chego à minha fome, mas tendo passado pela fome dos outros. Não chego à fome dos outros passando pela minha fome, como no caso anterior. Quando chego à minha fome tendo passado pela fome dos outros, a consciência da fome não é mais mesquinha, espiritualizou-se, assumiu grande dignidade.

Hannah Arendt, trocando em miúdos, diz coisa muito semelhante. E ousaria dizer em seu nome: minha fome me detém na esfera

idiota de um problema privado, mas a fome do outro me transporta para a esfera espiritual de um problema político.

DOMINAÇÃO

Penso que na base de toda discriminação está a violência do rebaixamento político. O machismo, por exemplo, começa pela posição da mulher numa condição de serviço unilateral. O ato de servir fica reservado à mulher mais do que ao homem. Não há revezamento de homem e mulher no ato de servir. O homem começa a assumir posição de comando em relação à mulher. E isso também está na base do racismo.

Para o branco, o negro deve ser mantido na posição compulsória de um servidor, um serviçal, um subordinado. Não há revezamento na posição de serviço entre brancos e negros. Claro que o revezamento supõe que o ato de servir nunca seja servil, quando o ato de servir é unilateral tende ao servilismo. Insisto que a dominação está na base do racismo.

Os negros enquanto negros, percebidos por raça e por cultura, possivelmente provocam nos brancos algum estranhamento e, nessa medida, alguma resistência. Gostaria de mais argumentar, mas vou apressar e simplesmente afirmar que essa resistência desmancha-se com o tempo, contanto que o contato seja um encontro, uma troca entre brancos e negros. Agora, se a desigualdade marca o contatos, as resistências vão ser agravadas, aprofundadas, cada vez mais racionalizadas e congeladas.

A razão do congelamento não está no estranhamento, está no horror dos brancos em renunciar à posição de superiores. Está no horror de verem os negros em posição que não fosse a dos trabalhadores a seu serviço e sob seu comando. Os brancos tem horror da igualdade política e este horror é originariamente horror de morrer, é expressão de um apego à vida privada; só em terceiro tempo é que o horror vai comutar-se em horror dos negros, tendo em segundo tempo comutado-se em horror de um contato igualitário com trabalhadores. Uma sociedade de gente livre, uma sociedade igualitária vai ser mais modesta do que a nossa, porque não poderemos sacrificar vidas por razão de tanta riqueza e tanto luxo, por razão de tanta segurança contra a morte, por razão de tanto medo de morrer.

Uma sociedade igualitária terá mais gente dispensada do trabalho manual, o que também quer dizer mais gente reconciliada com o trabalho manual, porque mais oferta de trabalho manual qualificado. É que a superação do antagonismo entre administradores e operários, a participação dos trabalhadores no governo do trabalho, tende a recuperar dimensões intelectuais do trabalho manual (exceção feita aos trabalhos muito simples, necessariamente muito simples e que, então, deverão ser socialmente generalizados, um dever de todos e cada um, sem mais serem reservados a uma classe de pessoas aviltadas). Ao invés de gente rebaixada para trabalhos manuais simplificados, o trabalho outra vez complexo terá que supor vocação e estudo para serem exercidos. Essas coisas mexem muito com segu-



ranças psicossociais dos dominadores ou dos cúmplices de dominadores.

CONCRETUDE DA DOMINAÇÃO

É muito importante considerar a especificidade do racismo. Vale a pena examinar casos concretos. A dominação não é nunca um fenômeno abstrato, um fenômeno geral que se apresentaria igual em toda a parte.

A dominação é como o diabo nos evangelhos; quando consultado sobre quem é, ele responde: “Sou legião”. **A dominação é legião de dominações. Existe sob formas concretas, muito particulares, antes de assumir aspecto comum. Existe sempre concretamente, sempre de maneira especial e muito determinada.** Não deveríamos falar em dominação, pretender uma posição universal sobre o problema, sem antes termos sofrido o detalhe de uma das suas manifestações. Existe a dominação dos negros, das mulheres, dos índios, dos gays, dos velhos, dos loucos, dos pobres. A dominação se faz de um modo concreto e precisa ser concretamente enfrentada.

Feita essa ressalva, vou ousar afirmações muito abrangentes, apenas justificado pelo fato de há muitos anos seguir cidadãos pobres e cidadãos negros. São afirmações abertas à prova, mas retiradas desse contato e do diálogo.

Enfrentar as formas concretas da dominação exige renunciar à soberba. Enfrentar a dominação requer desejar a igualdade, o que é mais do que renunciar à soberba. O desejo abraça e excede a renúncia. Renunciar é sempre ação negativa: uma inibição de ação. A face positiva da renúncia à soberba é a alegria da igualdade, uma liberação da ação. Num caso concreto de dominação, quando a gente cai no desejo da igualdade, quando cai na alegria disso, a gente então se prepara para reviver isso noutros casos: quem sai de uma experiência de igualdade não aparece automaticamente capaz de todas as outras, mas está inclinado e se prepara para elas.

ALEGRIA JOANISENSE

A renúncia ao mandonismo, mais que renúncia, exprime o desejo quase irresistível de igualdade. O desejo de igualdade: não conheço alegria maior. Há alegrias de mesma altura, mas nenhuma maior. A alegria de dirigir-se a alguém de igual para igual. A alegria de assistir a pessoa mais envergonhada também dirigir-se a você de igual para igual. Vivi experiências assim na Vila Joanisa. Como descrevê-las brevemente? Vou tentar.

As mulheres com quem trabalhei, nos Centros de Juventude, praticavam ali um trabalho sem patrões. A coordenadora de um CJ tinha o seu papel assim definido: “coordenadora é quem leva o grupo a mandar no trabalho, não manda em ninguém e trabalha também”. A definição resumia o sentimento de todas elas: coordenadora, monitoras e cozinheiras, ninguém acima de ninguém, ninguém abaixo de ninguém.

Havia grande diversidade entre elas. Raízes diversas. Um grupo podia contar com mulheres de origem roceira ou operária. Mulheres brancas ou mulheres negras. Jovens, adultas ou idosas. Gente capaz de ler e gente iletrada. Eram diferentes os talentos. Havia quem fosse prendada em cozinha, bordados ou artesanatos. Havia quem trazia a memória de cantos ou jogos de roda. Havia quem tivesse gosto em contar histórias e quem acalentrasse provérbios e conselhos. Havia quem fosse prático e quem fosse de muito matutar. Os diferentes talentos não valiam para autorizar comandos, mas só para trocar.

Para educar crianças, as mulheres precisavam aplicar muita imaginação sobre pouco material e pouco espaço. A pobreza e a mentalidade profundamente religiosa era o que tinham em comum. Havia crescido politicamente: enfrentavam prefeitos em caravanas e mantinham ativa simpatia pelo movimento de saúde na zona leste, pelo movimento contra a carestia na zona sul e pelo novo sindicalismo no ABC paulista.

O governo dos CJ era assunto de todos, tarefa sempre de uma reunião em círculo. As reuniões eram o centro do poder: um problema era resolvido só depois de circular pela voz

de cada um e misturar as iniciativas. Isto fazia lembrar o que lemos em Hannah Arendt: o poder é o que sai do igual direito de agir e falar. Só caminhamos para um poder popular quando cada um está livre para tomar iniciativas e para conversar.

Sem conversa, nada era decidido. Sem o assentimento de cada um, nada feito. O consenso nunca era completo, mas era sempre ensaiado. Ninguém estava sempre satisfeito ou sempre infeliz. Ninguém era obrigado a falar e, aos poucos, ninguém ficava sem falar. Não pegava bem falar demais. Ouvir pegava sempre bem. Só quando um grupo mostrava ouvir é que merecia que a gente falasse. Um grupo surdo era abandonado ou xingado.

Os grupos mais firmes foram os que remaram gradualmente e abraçaram as horas de mal-estar. Não censuravam os conflitos e nem os deixavam minguar. Uma reunião não bastasse, então duas ou três, quem sabe quatro. Os melhores caminhos não apressavam saídas. E nem demoravam demais.

Os grupos mancos foram os alarmistas. Apavoravam-se com contradições e desperdiçavam as divergências. Emudeciam nas crises. Engoliam amarguras. Varriam objeções para baixo do tapete. Abrigavam-se nos acordos forçados. Queriam caminhar em bloco, sem soltar ninguém.

A memória de escola, que marcava aquelas mulheres, não podia ser pior. A escola da infância tinha geralmente valido um lugar de humilhação. Ninguém aprende nada quando rebaixado. Engole ou cospe, não cai no gosto de aprender quando cai como inferior. Ninguém logra ensinar quando avança como um superior. Naqueles anos de CJ, o que chamou minha atenção foi que muitas mulheres foram outra vez sacudidas pelo desejo de estudar. Com a experiência comunitária, sentindo-se outra vez de pé, várias delas retomaram seus estudos fundamentais. Algumas até alcançaram faculdade. De volta à escola reencontraram humilhações. **Mas não caíam mais. Essas mulheres foram devolvidas à escola por uma experiência de cidadania. Por isso é que ouvíamos delas: "Escola faz cidadania? Não, cidadania é que faz escola!"**

MARTIN LUTER KING

A causa do respeito à diversidade é muito importante. Mas não pode ficar desligada da causa da igualdade política. O desrespeito à diversidade, a meu ver, é um sintoma da desigualdade política. Não adianta pedir tolerância às diferenças sem pedir, mais radicalmente, que nos encontremos politicamente como iguais, ou seja, todos e cada um no igual direito de falar e de tomar iniciativas. O que está radicalmente por trás do preconceito contra os pobres, contra os negros, contra os índios, contra as mulheres, contra os gays, contra os velhos e os loucos, é a desigualdade política.

Martin Luther King logo que começou a reivindicar igualdade entre negros e brancos, encontrou problemas.

Todavia, em grande medida, a causa foi entendida segundo a bandeira do respeito à diversidade. Para muita gente, a começar pelo então presidente Kennedy, o que Martin Luther King desejava não contrariava o projeto norte-americano. Contrariava somente a intolerância relativa às diferenças raciais e culturais.

Mas quando aconteceu do pastor negro, melhor do que nunca, frisar que a luta pela igualdade entre negros e brancos era luta contra a dominação, e não só a dominação de norte-americanos por norte-americanos, mas também a dominação de nações por nações, perdeu a ostensiva amizade do presidente. Foi assassinado. Ficou precisamente perigoso quando encontrou parentesco entre a luta dos negros nos Estados Unidos e a luta de proletários no mundo todo. Foi quando, sob nova luz, voltou a ligar sua luta e a luta de Ghandi. Martin Luther King foi assassinado quando compreendeu e afirmou nexos entre a luta dos negros, as lutas operárias, as lutas por reforma agrária.

AMIZADE

Hannah Arendt sustentou de diversas maneiras que a qualidade maior de um cidadão é a capacidade de imaginar-se num lugar que não

é o seu. Para imaginar-se no lugar do outro, nada mais imprescindível do que conversar. Nada como ouvir alguém para imaginar o mundo sob perspectiva que não é a minha.

Amigo não é apenas quem guarda comigo uma relação de intimidade. Existe uma forma de amizade que não depende de intimidade e que consiste em mostrar pela opinião alheia a mesma consideração reservada à própria opinião. Este respeito público é o que Hannah Arendt frisou como a forma política da amizade.

INVISÍVEL, VISÍVEL

Invisibilidade pode ser um dos efeitos de dominação. Quando quem fala é todavia impedido de falar, impedido de opinar, impedido de responder por um ponto de vista e participar de decisões, começa a desaparecer socialmente. Quem age e fala, aparece: toma iniciativas, faz gestos e faz propostas em direção que excede as direções conhecidas e automáticas.

A dominação representa um impedimento da voz e da iniciativa. Quando há impedimento da voz alheia, aquele ou aqueles que a impedem, por sua vez, não costumam falar: costumam dar ordens, gritando e também sem gritar. Aqueles que impedem a ação de outros e deliberam sobre o comportamento alheio, não agem: forçam, coagem. A dominação, apesar de acertar de modo especial o dominado, acerta também o dominador. Dominado e dominador, cada qual sob sua medida, são ambos excluídos da experiência de agir e falar.

O impedimento de agir e falar produz gente invisível, reduzida ao desempenho de funções servis exigidas pelo seu senhor ou patrão. A pessoa dominada fica como que colada ao desempenho da função, sem governá-la, como se não existisse e apenas funcionasse. Sem existir, sem poder distender-se em palavras e em ações, perde dois meios especiais da aparição pessoal.

Agir e falar não são as únicas formas pelas quais alguém aparece, mas são formas decisivas. Contam do lado da cidade. Há também aparição no silêncio que, digamos, conta do lado de casa: a pessoa silenciosamente amada aparece para quem a ama, para quem a ama assim tão delicada e maternalmente. Estes dois lugares da aparição, a cidade e o colo, não são reversíveis embora apóiem-se mutuamente. E são ambos indispensáveis. Sem hospitalidade da praça e de casa, a pessoa apaga.

Negras e negros, africanos e afro-descendentes, no Brasil, foram secularmente colocados em posição e lugar de servidão.

Apareceram ostensivamente como escravos, como servos, depois assalariados inferiorizados, mas essa aparição servil dá o mesmo que não aparecer. Sua aparição pessoal, a aparição de cidadãos, a aparição de governantes, sua casa e sua cidade, isto tudo foi severamente interceptado. O que os tornou ostensivamente visíveis como escravos ou subordinados também apagou o seu rosto e o seu nome.



Ser lançado ao mando e desmando dos outros. Viver comandos que não hesitam cair sobre mim. Estar sempre na contingência de receber ordens, obrigado a obedecer sem contestar. Isto desenha, ao mesmo tempo, superexposição e subexposição. Uma mesma experiência sob ângulos diferentes. Não há contradição. Há dominação. No servo super-exposto há desaparecimento de rosto, nome, palavras e iniciativas, amortecimento de biografia e memória.

HISTÓRIAS JUSTIFICAM VIDAS

A matéria das biografias são as palavras e os feitos deixados por alguém. Contar histórias a respeito de alguém implica lembrar suas iniciativas e seus discursos. A pessoa cuja história é contada não vai aparecer toda iluminada, toda manjada, como aparecem os servos.

É por superexposição que a gente se relaciona com os servos, como se soubéssemos suficientemente quem são eles, por que e para que estão ali. Mas alguém ou um cidadão nunca a gente dirá conhecer suficientemente. Quem é? Que faz? Por que faz? Para onde vai? Dependemos de conviver com ele para atinar com respostas, sem nunca repouarmos nelas. Porque pessoas têm mistério ou sombra, cidadãos têm mistério ou sombra: alteridade, irredutibilidade, singularidade insondável e que não se deve devassar. Pessoas são agentes de surpresa, não são máquinas previsíveis ou organismos de comportamento manjado.

Já o servo é manjado. A gente sabe o que esperar dele, esperamos aquilo a que está obrigado. É obrigatório que nos satisfaça. Agora, de cidadãos nunca sabemos o que esperar, porque são seres de iniciativa, de palavras. São livres.

Contar e ouvir histórias ou biografias é indispensável para a cidadania e para a personalidade. Quem não deixa história, quem fica sem o testemunho dos outros, desaparece para a cidade e, desaparecendo para a cidade, em alguma medida, desaparece para si próprio. Também é fato que a gente precisa reiteradamente sair da luz pública, precisa do

silêncio, da casa, do recolhimento, ambientes ou posições de profundidade, que nos põem mais densos, menos superficiais nos devolvem ainda mais pessoais para a cidade. A realidade, dirá Hannah Arendt, a gente retira da convivência pública com os outros. Quando os outros nos abordam como gente que fala e age é que nos tornamos mais reais. Mas ela acrescentará que precisamos do recolhimento para entrar na cidade de maneira mais original e menos impessoal. O recolhimento alimenta pontos de vista que confrontaremos na cidade, tornando mais difícil e mais verdadeira a descoberta do mundo comum. A descoberta do mundo é mediada por nossos testemunhos e depoimentos: e é tanto mais verdadeira quanto mais reúne e supera pontos de vista particulares, retirados de opiniões que não sejam automáticas e que foram maturadas no recolhimento.

IDENTIDADE

Identidade de alguém ou de um grupo não é a mesma coisa que alguém, não é a mesma coisa que o grupo. A identidade é signo de alguém ou signo de um grupo. É realidade que tem expressão sensível e que podemos fixar. Valores, hábitos, atitudes aparecem a partir de certos ambientes. Por exemplo, a identidade dos índios Bororo vem pela arquitetura das casas e da aldeia, vem pelo modo justamente como as casas estão distribuídas, vem por certos valores compartilhados, valores transmitidos dos velhos para os jovens. A identidade vem por formas assumidas pelo trabalho e pelo parentesco.

Os índios Bororo, entretanto, não coincidem com sua identidade Bororo. Apóiam-se nestes traços comuns, para poderem ir cada um e todos realizarem a aventura das suas vidas mais próprias. Do mesmo modo, uma pessoa encontra nos traços identitários uma alavanca para suas palavras e ações, nem mais e nem menos. As palavras e ações não podem ser previstas de seus apoios e alavancas. **A dominação atinge o direito de agir e falar, também tende a desmoralizar a identidade. Na dominação, a cultura do dominado é desmoralizada, suas crenças aparecem como crendices, sua religião como superstição, sua língua como instrumento tosco.**



Os apoios e alavancas identitários, apoios e alavancas para ações e palavras de grupos e de pessoas, desmoralizados, ficam sem apreço num ambiente de desprezo. É preciso resistir contra a desmoralização e combater a dominação.

TROCA DE INFLUÊNCIAS

A identidade não pode ser confundida com a própria pessoa que, em situação que não seja de dominação, tem necessidade de trocar influências com pessoas de outras raízes. Simone Weil frisava a necessidade de raiz, o enraizamento, o direito à raiz, o que para ela era o direito à participação real, ativa e natural em grupos que vivamente conservam tesouros do passado e pressentimentos do futuro.

A defesa das raízes é defesa da identidade cultural. Mas Simone Weil igualmente frisava a necessidade de trocar influências, a troca entre pessoas e mundos diferentes, contanto que a troca não fosse uma espécie de importação pela pessoa ou nação rebaixadas dos traços característicos de pessoas ou nações acimadas.

Na dominação não há troca. Uma cultura, como nos diz Ecléa Bosi, deixa de valer como uma revelação, pois há imposição de uma identidade contra outra.

Identidade e troca: há dialética aqui. O bem não está numa ou noutra tanto quanto entre elas. Aquele que ama suas raízes consistentemente e não imaginariamente, idealizando-as, estima raízes alheias. E a pessoa capaz de amar raízes de um outro é pessoa que cresce no amor desprendido pela própria

raiz: amor desprendido, amor consistente. Um movimento leva ao outro.

Se me perguntassem o que preciso fazer para respeitar as raízes do outro, eu diria: respeitar minhas próprias raízes. E para respeitar minhas próprias raízes, o que preciso fazer? Respeitar as raízes do outro.

PAPEL DOS BRANCOS

Os brancos precisam compreender que sua dignidade supõe a defesa da dignidade dos negros. Precisamos atinar com o fato de que dominação é violência e faz estragos gerais, entre dominados, entre dominadores, entre uns e outros. Não é simplesmente a condição do dominado que é miserável, a condição complementar, do dominador, também o é.

Necessitamos compreender que as lutas concretas e particulares são o caminho para as lutas universais. A gente não luta universalmente pelo direito, se não lutar concreta e particularmente pelo direito do negro, do índio, da mulher, do operário e assim sucessivamente. O universal não tem meio de alcance que não seja o concreto e o particular.

A superação da dominação será particular e concreta. Ninguém sabe o que é o preconceito, se não tiver atinado com o preconceito contra o negro, contra a mulher, contra os pobres. Ninguém sabe o que é o preconceito se não tiver feito uma experiência concreta de exposição ao preconceito.

Se a gente dispara a luta contra essas experiências singulares de violência e a interrogação sobre

a coisa, sobre a origem da coisa, a gente começa respondendo questões que são pertinentes aqui entre os negros, ali entre os índios, lá entre as mulheres. Fazendo isso, a gente começa a falar, por exemplo, um idioma negro, mas que as mulheres e os índios vão entender. Existe uma comunidade de destino entre os oprimidos e, sobretudo, uma comunidade de destino entre os guerreiros, uma vez que os guerreiros e as guerreiras são justamente os que tomam o seu destino nas mãos e associam-se aos outros, seus pares e seus companheiros políticos.

Os brancos precisam compreender que a defesa da dignidade de uns supõe a afirmação da dignidade de todos.

DEFESA PROFUNDA

Um problema de certas organizações para assistência aos pobres, aos doentes, aos loucos, aos índios, forma-se quando não percebem que a defesa dos direitos de outrem confirma direitos de todos. Quem pode sentir que seus direitos estão garantidos, quando os direitos dos negros não estão? Só quem distingue os direitos dos brancos e os direitos dos negros. Quem pensa assim não compreendeu o sentido do direito, porque o sentido do direito combina particularidade e universalidade.

DIVERSIDADE E DOMINAÇÃO

Não devemos subestimar e nem exagerar o papel da intolerância no racismo. Afirmar a diversidade, o direito à diversi-

dade e a beleza da diversidade é imprescindível. Mas é preciso cuidar para não dissociar a afirmação da diversidade e a luta contra a dominação. Às vezes, me dá impressão que, para alguns militantes, a dominação é efeito de intolerância cultural.

O que está na raiz da intolerância cultural, parece-me, é a dominação. Quando não tivermos mais necessidade de nos servir do trabalho rebaixado de alguém, quando a gente não tiver mais nossa segurança psicossocial na servidão dos outros, quando a gente estiver livre de uma sociedade que se organizou sobre a desigualdade, o racismo deixará de operar, pois deixará de fazer sentido. E também deixará de comportar impulsos de sentido ignorado, mas até agora apoiados e racionalizados.

Quando então pessoas diferentes se encontrarem, haverá estranhamento. O estranhamento, nesse caso, representará a confirmação de que nós somos diversos.

Estranhamento que, nesse caso, é pedido de tempo para a abertura da gente, tempo para o gozo do outro, para a fruição do outro.

Na dominação, o estranhamento rapidamente se degrada em desprezo. O desprezo pelo diferente rapidamente toma conta da experiência de estranhamento do diferente. Eis outro traço terrível e psicológico da dominação: a dominação abrevia e congela a profunda experiência do estranhamento, que é uma experiência amorosa.





IMPACTOS

Durante o curso buscou-se identificar o impacto do método proposto. Fossem para corrigir rotas do processo, fossem para ajudar a pensar conteúdos e dinâmicas de futuros cursos.

Foram usadas várias técnicas de avaliação: orais, por escrito, por telefone. A seguir, vamos resumir o que os participantes falaram acerca de suas experiências de contato com o tema *efeitos psicossociais do racismo*.

Os primeiros impactos foram fundamentalmente emocionais. Foi citada como muito importante a identificação de situações de preconceito e de discriminação. Infância, família, escola, emprego foram indicados como “lugares” particularmente sensíveis.

Conhecimento e autoconhecimento. O primeiro, por observação e reflexão das coisas do mundo. O segundo, pela análise das repercussões externas no interior de cada um.

O “estar junto” foi bem valorizado! Falar, ouvir, falar, ouvir. As palestras e oficinas trouxeram subsídios para a reflexão e provocação para o intelecto. Os participantes foram unânimes em reconhecer o quanto a proposta do Curso mexeu com cada um. Para a maioria ficou claro que experiências individuais de sentir a discriminação e a humilhação não impedem pensar estratégias comuns de enfrentamento.

CINCO MESES DEPOIS DEPOIMENTOS DOS PARTICIPANTES

IMPACTO DO CURSO NO AUTO-DESENVOLVIMENTO:

Novas maneiras de lidar com o preconceito e a discriminação. Muitos se esforçam por “racionalizar” no lugar de “afogar-se na raiva”. Pensar a situação e ter respostas mais eficazes foi uma tônica nas avaliações. Também foi citada uma menor tolerância para as afrontas raciais, ao lado, de uma maior consciência da identidade “negra”. Mudanças na forma de ver, a médio prazo, podem significar mudanças na forma de agir.

MUDANÇAS NOS RELACIONAMENTOS INTERÉTNICOS:

Aumentou o desejo de trabalhar com pessoas negras, principalmente, com os jovens. O fato de o Curso ter contado com brancos foi visto como positivo, pois houve um entendimento de que o racismo é um problema que afeta quem o sofre e quem o pratica. A solução do problema passa por negros e brancos.

DESDOBRAMENTOS DO CURSO NAS PROFISSÕES:

Alguns consideram que cinco meses é pouco para avaliar desdobramentos na profissão. Outros apontam que processos vividos, durante o curso, causaram impacto positivo nos seus cotidianos de trabalho. Maior sensibilidade e apropriação de algumas dinâmicas.

DESDOBRAMENTOS DO CURSO NAS RELAÇÕES FAMILIARES:

Abertura para comentar percepções de discriminação. O curso forneceu subsídios para a introdução do tema racismo na roda familiar. Ajudou a ampliar momentos de reflexão.

O QUE FAZER PARA MELHORAR A SI MESMO:

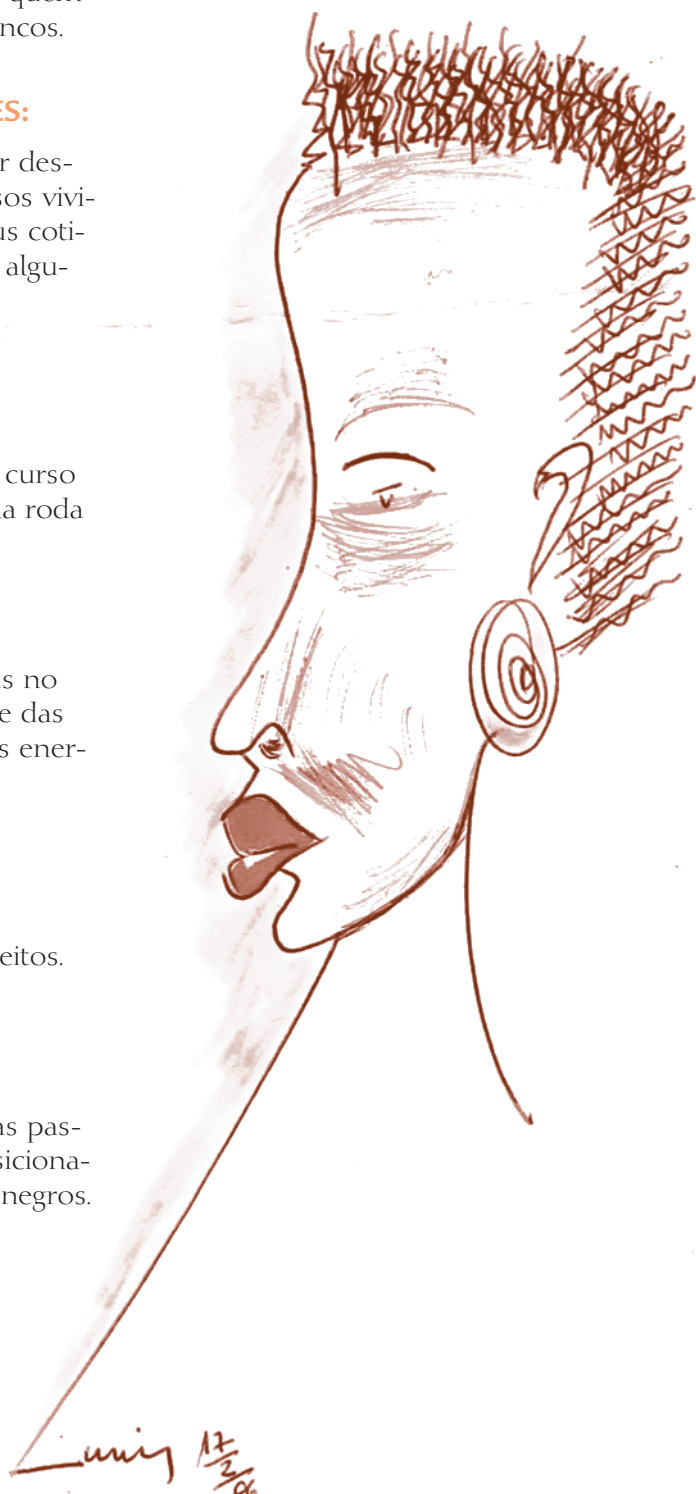
Estudar, ler, refletir acerca da realidade das pessoas negras no Brasil. Também criar, se expressar, sonhar com a realidade das pessoas negras no Brasil. Trabalhar com o corpo, soltar as energias. Cuidar da psique.

RECURSOS PARA DESCONSTRUIR RELAÇÕES RACISTAS:

Consciência, reflexão. Autocrítica no tocante aos preconceitos. Lutar e conquistar espaços.

INTERVENÇÃO SOCIAL:

Discutir mais as questões raciais. Não deixar que as coisas passem distraidamente. Cobrar das pessoas brancas um posicionamento mais firme em relação à discriminação contra os negros.



GLOSSÁRIO

por Eliana de Oliveira

ALTERIDADE: significa considerar, valorizar, identificar, dialogar com o outro (alter, em latim).

Diz respeito aos relacionamentos tanto entre indivíduos como entre grupos culturais. Na relação alteritária, o modo de pensar e de agir, bem como as experiências particulares são preservadas e consideradas, sem que haja sobreposição, assimilação ou destruição.

Eis o desafio: estabelecer uma relação pacífica e construtiva com os diferentes. Um caminho de superação deste embate estaria baseado em três fases: identificar, entender e aprender com o contrário.

AUTO-ESTIMA: imagem ou conceito de si próprio.

Para os homens negros e as mulheres negras, a construção de uma imagem positiva, essencial para o desenvolvimento da auto-estima, foi sempre dificultada. Vivendo em uma sociedade que os discrimina, eles internalizam imagens negativas de seu povo e de si próprios.

Espera-se que, gradativamente, esse quadro possa ser mudado. Através de um maior conhecimento e valorização da cultura africana, os afro-descendentes poderão se auto-afirmar etnicamente e construir sua identidade, elevando sua auto-estima.

BANZO: saudade da África.

A tristeza dos negros escravizados, na forma de saudade da sua terra natal, era tão grande que levava ao enlouquecimento ou à morte. Muitos negros, tomados pelo banzo, suicidavam-se comendo terra, enforcando-se ou envenenando-se.

CANDOMBLÉ: religião de origem africana que cultua as energias da natureza na forma de orixás. A sede onde se pratica a religião. Ex.: Roça de candomblé (igual a terreiro).

O candomblé significou para o escravo um elo com o mundo africano de onde foi arrancado. Essa religião, sem dúvida, foi um mecanismo de resistência cultural.

CONSCIÊNCIA:

Conhecimento. Noção. Idéia. Noção do que se passa em nós. Percepção mais ou menos clara dos fenômenos que nos informam a respeito da nossa própria existência.

CONSCIÊNCIA NEGRA: reconhecimento de suas origens étnicas. Afirmção da identidade racial. Orgulho e valorização das raízes africanas.

CULTURA: é o modo de vida de um povo, o ambiente que um grupo de seres humanos, ocupando um território comum, criou, na forma de idéias, instituições, linguagem, instrumentos, serviços e sentimentos.

Cultura é um todo complexo de crenças, conhecimentos, arte, moral, leis, costumes e qualquer capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade. A cultura não nata é adquirida através da educação incluindo os conhecimentos.

CULTURA NEGRA: os povos africanos tinham uma forma própria de organização social e uma maneira de se relacionar com o meio ambiente que era muito diferente daquela propiciada pela visão de mundo europeia.

Na cultura africana, a pessoa humana é vista como uma totalidade integrada à terra e à natureza, cujos elementos são deificados. Os valores morais, sociais e ecológicos representam-se através das religiões, dos ritos e das artes em geral.

O Brasil é herdeiro dessa cultura que nos influencia há mais de 400 anos!

DEMOCRACIA: é o governo no qual o povo, titular da soberania, ou a exercer diretamente ou por meio de seus representantes. Geralmente define-se democracia como o governo do povo, pelo povo e para o povo, querendo, com isso, dizer que, na democracia, o povo além de titular da soberania, a exerce por si mesmo, ou por delegação expressa em benefício do próprio povo.

Democracia racial: *a ideologia da democracia racial preconiza que as relações raciais no Brasil foram construídas através de interações sociais predominantemente harmônicas e tolerantes; que os senhores de engenho foram generosos e afeituosos com os africanos escravizados.*

Ainda hoje existem defensores desta idéia, apresentando o Brasil como um “paraíso racial” de negros e brancos. Mas sabemos que essa ideologia foi uma estratégia perversa para impedir o povo negro de perceber o caráter racista da sociedade e do Estado brasileiro e de se organizar politicamente.

DESCENDÊNCIA: *série de indivíduos que procedem de um progenitor comum.*

Descendência afro-brasileira: diz-se dos indivíduos que nasceram no Brasil, mas que têm sua origem nos africanos que foram trazidos como escravos para o Brasil.

DISCRIMINAÇÃO: *ação de discriminar; separação, distinção, tratamento desfavorável.*

Discriminação racial: *é um comportamento coletivo observável, até mensurável ligado a certos modos de funcionamento social. Ela é produzida quando se recusa aos indivíduos ou aos grupos humanos, a igualdade de tratamento que tem direito de receber.*

É o tratamento depreciativo dado a pessoas de determinada raça. Os afrodescendentes são vítimas da discriminação racial.

Pela atual legislação brasileira a discriminação racial é crime imprescritível, inafiançável e prevê reclusão.

ESCRAVIZAÇÃO: *ato de escravizar. É a redução de um ser humano à condição de escravo.*

Escravidão no Brasil: no século XVI, os africanos foram trazidos como escravos para o Brasil. O sistema escravista perversamente transformava homens e mulheres negras em “coisas”, tentando destruir sua identidade, sua cultura, suas lembranças. Esse sistema se prolongou por três séculos e meio.

ESTEREÓTIPO: *são preconceitos cristalizados em imagens ou expressões verbais. Reduz o diferente em traços pejorativos. São preconceitos cristalizados em imagens ou expressões verbais, em geral não se baseiam em experiências verdadeiras.*

Atribuem-se traços de personalidade ou comportamento, a pessoas, grupos, etc. Como dizer: os negros são preguiçosos, os orientais são pacientes, etc. Ele não é um problema da ignorância. Ele tem a sua racionalidade embutida na própria ideologia.

ETNIA: *um grupo social cuja identidade se define pela comunidade de língua, cultura, tradições, monumentos históricos e territórios.*

ÉTNOCENTRISMO: *sentimento de superioridade de uma cultura sobre as outras. É pensar que os meus valores são melhores. É usado como uma arma ideológica para dominar outros povos. A passagem do etnocentrismo ao racismo requer acrescentar a idéia de uma diferença biológica imaginária e falsa.*

IDENTIDADE: *é o conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa. Consciência que alguém tem de si mesmo. Ela nasce da tomada de consciência do outro, é construída dentro de uma relação dialógica.*

Identidade étnica: *“é o reconhecimento, por parte de indivíduos e grupos, de pertencer à determinada tribo ou povo. A existência de traços comuns como fenótipo, cultura e história é a base para a construção da identidade étnica”. (citado por Diva in Zumbi dos Palmares vai às escolas – SEE, Belo Horizonte, 1996 [apostila])*

INTOLERÂNCIA: *é a falta de respeito diante das crenças e das práticas alheias.*

Manifesta-se quando alguém se recusa a deixar o outro agir de maneira diferente ou expressar opiniões diversas. Traduz-se pela rejeição ou exclusão de pessoas por causa de sua crença religiosa, opção sexual, tipo de vestimenta ou corte de penteado etc.

MISCIGENAÇÃO: *cruzamento inter-racial. Mestiçagem.*

A miscigenação, que tem uma característica espontânea e natural, foi transformada pelas elites brasileiras em estratégia visando ao branqueamento, “melhoramento” da população do Brasil, que era predominantemente negra.

MULTICULTURALISMO: *prática de acomodar culturas distintas, numa única sociedade, sem preconceito ou discriminação. Implica o reconhecimento da diferença, o direito à diferença, colocando em questão o tipo de tratamento que as identidades tiveram e vêm tendo nas democracias tradicionais.*

Como cada povo e grupo social têm uma cultura, permite pensar alternativas para as minorias e justificar a fragmentação que reproduzem desigualdades sociais.

NEGRITUDE: *é a consciência de ser negro, a aceitação de sua história e de sua cultura. Pode ser definido como identidade, fidelidade e solidariedade.*

A valorização da negritude tem sido uma das estratégias escolhidas pelos movimentos sociais negros para a elevação da consciência da comunidade afro-brasileira, para a luta contra o racismo e suas mais diversas manifestações.

PLURALIDADE CULTURAL: *pluralismo cultural diz respeito às características étnicas e culturais de diferentes grupos sociais que convivem em território brasileiro.*

Como a sociedade brasileira é formada por diversas etnias, a pluralidade cultural é um tema

especialmente importante. O desafio é respeitar os diferentes grupos e culturas que compõem o mosaico étnico brasileiro, incentivando o convívio dos diversos grupos e fazer dessa característica um fator de enriquecimento cultural, visando à manutenção ou à transformação de valores.

A Pluralidade Cultural é um dos temas transversais propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN/MEC).

PRECONCEITO: é um julgamento formulado sobre uma pessoa, grupo de indivíduos ou povo que ainda não se conhece ou não compreendemos. É um dado universal, ligado à psicologia humana, um dado inerente a todas as culturas e a todas as civilizações.

PRECONCEITO RACIAL: simplesmente uma disposição afetiva imaginária ligada aos estereótipos étnicos, uma atitude, uma opinião que pode ser verbalizada ou não, que pode tornar-se uma crença.

QUILOMBO: aldeia organizada por negros que fugiam da escravidão. Estas comunidades proliferaram como sinal de protesto contra as condições desumanas a que os escravos estavam sujeitos.

Existiram muitos quilombos espalhados pelo Brasil.

Palmares foi o mais importante deles.

Os quilombos foram refúgios de muitos brasileiros que eram marginalizados pela sociedade escravista. Formavam uma sociedade multirracial composta de negros, índios e brancos pobres.

RACISMO: é a referência do comportamento do indivíduo à “raça” (etnia) a que pertence e, principalmente, o uso político de alguns resultados aparentemente científicos para levar à crença da superioridade de “um grupo sobre os demais, através de atitudes de discriminação e perseguição contra os grupos” que se consideram inferiores.

No Brasil não existem leis segregacionistas, nem que proclamem oficialmente a inferioridade do povo negro. Mas uma das várias formas de perceber o racismo no Brasil é verificar a situação de desigualdade e exclusão da população negra em relação à população branca.

REMANESCENTE: que remanesce, que resta. O que fica de um todo depois de retirada uma parte.

Remanescente de quilombos: são comunidades negras, descendentes dos quilombolas. Em 1988, o artigo 216 da Constituição Federal incluiu os “remanescentes de quilombos” como integrantes do patrimônio histórico do país e o artigo 68, das “Disposições transitórias”, garantiu o direito de propriedade sobre as terras que ocupam.

O Governo Federal “já mapeou 743 comunidades, mas esse número pode chegar a mais de 2000”.

RESISTÊNCIA: oposição, reação, recusa de submissão à vontade de outrem.

Resistência negra: foram as formas de reação do povo negro contra a violência do escravismo. Resistência para conservar sua humanidade, para não perder sua identidade cultural.

A resistência negra aconteceu através de fugas, suicídios, assassinatos de senhores, feitores e capitães do mato; rejeição ao trabalho e também por seus cultos, rezas e danças. A formação de quilombos foi a forma mais elaborada de resistência empreendida pelos escravos. Lamentavelmente, essa história da resistência do povo negro brasileiro ainda não foi bem contada pela história oficial.

SINCRETISMO: sistema que consiste em conciliar os princípios de várias doutrinas.

Os africanos que chegavam ao Brasil povos de diferentes culturas e etnias. Com o tempo começavam a mesclar cultos, crenças e deuses.

O sincretismo de divindades africanas com santos católicos foi adotado como forma de fugir à perseguição da igreja, que condenava as religiões africanas. Foi também uma forma de resistência adotada pelos africanos no Brasil para poderem manter o culto às divindades, aos orixás.

XENOFOBIA: Termo de origem grega, que significa “medo ou aversão ao estrangeiro”. É traduzido muitas vezes com hostilidade ou com violência contra pessoas originárias de outros países e regiões ou membros de minorias étnicas.

PARA SABER MAIS

SUGESTÃO BIBLIOGRÁFICA

- Arendt, H. A condição humana. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1993.
- Articulação para o Combate ao Racismo Institucional e Instituto AMMA Psique e Negritude (org.). Identificação e Abordagem do Racismo Institucional. DFID. Brasília, 2007.
- Barth, Fredrik. Teorias da Etnicidade. São Paulo, UNESP, 1998
- Bento, M.A. & Carone, I. Psicologia Social do Racismo. São Paulo. Editora Vozes, 2002.
- Bobbio, Norberto e outros. Dicionário Político. Brasília: UNB, 1986.
- Borges, Edson; Medeiros, Carlos Alberto e D'Adesky, Jacques. Racismo, preconceito e intolerância. São Paulo: Atual, 2002.
- Bosi, A. Dialética da Colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- Bosi, A. Fenomenologia do olhar. In: O Olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- Bosi, A. Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- Bosi, E. Cultura de massa e cultura popular. Petrópolis: Vozes, 2000
- Crochík, J. L. Preconceito, Indivíduo e Cultura. São Paulo: Robe Editorial, 1997.
- Fanon, F. Pele negra, máscaras brancas. Rio de Janeiro: Fator, 1980.
- Fernandes, F. A Integração do negro na sociedade de classes. São Paulo. Ática, 1978.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- Gonçalves Filho, J. M. O bairro proletário e a hospitalidade. In: Revista Boletim de Psicologia de São Paulo, v. XLVIII, n. 108, Janeiro-Junho 1998, 27-47.
- _____. Humilhação Social: um problema político em Psicologia. In: Revista Psicologia USP. São Paulo, IPUSP, v. 9, n. 2, 1998 , p. 11-67.
- _____. A invisibilidade pública (prefácio). In: Costa, F. B. da. Homens invisíveis – relatos de uma humilhação social. São Paulo, Globo, 2004.
- Ianni, O. Raças e classes no Brasil. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1972.
- _____. Escravidão e Racismo. São Paulo. Hucitec, 1988.
- La Boétie, E. Discurso da servidão voluntária. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- Lévinas, E. Ética e Infinito. Lisboa: Edições 70, 1988.
- Lévinas, E. Humanismo do outro homem. Petrópolis: Vozes, 1993.
- Miranda, M.A. A beleza negra na subjetividade das meninas. Dissertação de Mestrado. São Paulo. USP, 2004.
- Munanga, K. As facetas de um racismo silencioso. In: Schwarcz & Queirós. (org.). Raça e Diversidade. São Paulo: EDUSP, 1996.
- _____. Teorias sobre o racismo. IN: Racismo: perspectivas para um estudo contextualizado da sociedade brasileira. Niterói: EDUFF, 1998.
- Nogueira, I. B. Significações do Corpo Negro. Dissertação de doutorado. São Paulo: USP, 1998.
- Oliveira, L.O.A. Expressões de vivências da dimensão racial de pessoas brancas: Representações de branquitude entre indivíduos brancos. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2007.
- Rocha, Rosa Maria de Carvalho. Alfabeto negro. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2000.

PARTICIPANTES

Chindalena Ferreira Barbosa
Cipriano do Espírito Santo Filho (Black)
Edson Osmar Rodrigues Arruda
Elizangela André dos Santos
Fernanda Pompeu
Iara Rosa dos Santos
Karina Fanny Fernandez Arias
Lucia Castro
Márcia Adão de Souza
Maria de Lourdes Araujo Almudi
Maíra Villas Bôas Estima
Nathalia Villas Bôas Estima
Regiane Luzia Lopes
Silvia Mara dos Santos Silva
Tania Pedrina Portella

FORMADORES (AS)

Eliana Oliveira é psicopedagoga com especialização em Antropologia Social.

Isildinha Baptista Nogueira é psicanalista e doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo.

José Moura Gonçalves Filho é psicólogo, professor e doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo.

Liane Zink é psicoterapeuta, educadora corporal e diretora do Instituto Brasileiro de Biossíntese.

Marco Antonio Cabral é doutor em História pela Universidade de São Paulo.

FACILITADORAS

Jussara Dias é psicóloga, especialista em Psicodrama pelo Centre International de Psychothérapie Expressive (CIPE/Québec). Possui larga experiência em projetos sociais e dedica-se ao estudo das relações interétnico-raciais, a partir do enfoque psicossocial.

Maria Aparecida Miranda é mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Experiência profissional em consultoria, elaboração, gerenciamento, supervisão e coordenação de programas nas áreas: sociais, saúde, educação e cultura.

Maria Lúcia da Silva é psicóloga e psicoterapeuta especializada em trabalhos com grupos. Há quinze anos, atua com as temáticas gênero e raça/etnia, com foco psicossocial. Atualmente, é presidente do Instituto AMMA Psique e Negritude e empreendedora social da Ashoka.

Marilza de Souza Martins é psicóloga com experiência na área clínico-institucional. Há mais de 20 anos, é psicoterapeuta reichiana e analista bioenergética-CBT. É professora do Departamento Reichiano do Instituto Sedes Sapientiae.

A Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, em parceria com o terceiro setor, criou o selo *Imprensa Social*, com o objetivo de ampliar o acesso à informação de interesse público.

Outra expectativa, é dar oportunidade para que o trabalho das ONGs seja divulgado e valorizado como referência para outras instituições e mesmo como subsídio para a definição de políticas públicas.

As publicações abrangem as áreas de educação, cultura, saúde, meio ambiente, comportamento, direitos humanos, entre outras iniciativas de cunho social.

A ESCOLA SUSTENTÁVEL - 1ª E 2ª EDIÇÃO

Eco - alfabetizando pelo ambiente

Lucia Legan

IPEC / Imprensa Oficial/SP

ÁLBUM DE HISTÓRIAS

Araçuaí de U.T.I educacional a cidade educativa

Tião Rocha

Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento / Imprensa Oficial/SP

ALIANÇAS E PARCERIAS

Mapeamento das publicações brasileiras sobre alianças e parcerias entre organizações da sociedade civil e empresas

Aliança Capoava

Instituto Ethos / Imprensa Oficial/SP

APRENDENDO PORTUGUÊS NAS ESCOLAS DO XINGU

Parque indígena do Xingu

Terra indígena Panará

Terra indígena Capoto-Jarina

Livro inicial

Vários autores

ISA / ATIX/ Imprensa Oficial/SP

A VIOLÊNCIA SILENCIOSA DO INCESTO

Gabriella Ferrarese Barbosa,

Graça Pizá

Clipsi / Imprensa Oficial/SP

BRINCAR PARA TODOS

Mara O. Campos Siaulys

Laramara / Imprensa Oficial/SP

CENPEC

Uma história e suas histórias

Maria do Carmo Brant de Carvalho

Cenpec / Imprensa Oficial/SP

EDUCAÇÃO INCLUSIVA:

O que o professor tem a ver com isso?

Marta Gil

Ashoka / Imprensa Oficial/SP

EM QUESTÃO 2

Políticas e práticas de leitura no Brasil

Vários Organizadores

Observatório da Educação /

Ação Educativa / Imprensa Oficial/SP

ESPELHO INFIEL

O negro no jornalismo brasileiro

Flávio Carrança, Rosane da Silva Borges

Geledés / Imprensa Oficial/SP

ESSA TURMA NINGUÉM PASSA PARA TRÁS

Guia do consumidor para crianças e adolescentes

Vários autores

Fundação Abrinq /

Criança Segura Safe Kids Brasil / Idec / Imprensa Oficial/SP

EU SOU ATLÂNTICA

Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento

Alex Ratts

Instituto Kuanza/Imprensa Oficial/SP

GOGÓ DE EMAS

A participação das mulheres na história do estado de Alagoas

Shuma Shumahr

REDEH / Imprensa Oficial/SP

HISTÓRIA FALADA

Memória, rede e mudança social

Karen Worcman e Jesus Vasques Pereira

Inst. Museu da Pessoa.Net/Imprensa Oficial/SP

INFLUIR EM POLÍTICAS PÚBLICAS E PROVOCAR MUDANÇAS SOCIAIS

Experiências a partir da sociedade civil brasileira

Karen Worcman e

Jesus Vasques Pereira

Instit. Museu da Pessoa.Net / Imprensa Oficial/SP

JOVENS LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS E DIREITOS HUMANOS

Conectas / CDH/ Imprensa Oficial/SP

KOOTIRA YA ME'NE BUEHINA WA'IKINA KHITI KOOTIRIA YAME'NE

Vários Organizadores

ISA / FOIRN / Imprensa Oficial/SP

O CAMINHO DAS MATRIARCAS

Maria do Rosário Carvalho Santos

Geledés / Imprensa Oficial/SP

ORIENTAÇÃO PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Nas bacias hidrográficas do estado de São Paulo

Cyntia Helena Ravena Pinheiro, Mônica Pilz Borba

e Patrícia Bastos Godoy Otero

5Elementos / Imprensa Oficial/SP

PELA LENTE DO AMOR

Fotografias e desenhos de mães e filhos

Carlos Signorini

Lua Nova / Imprensa Oficial/SP

SAÚDE, NUTRIÇÃO E CULTURA NO XINGU

Estela Würker

ISA / ATIX/ Imprensa Oficial/SP

VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Um guia para pais e professores

Caren Ruotti, Renato Alves e Viviane de Oliveira

Cubas

Andhep / Imprensa Oficial/SP

VIVÊNCIAS CAPIRAS

Pluralidade cultural e diferentes temporalidades na terra paulista

Maria Alice Setúbal

Cenpec / Imprensa Oficial/SP

VOZES DA DEMOCRACIA

Vários autores

Intervozes / Imprensa Oficial/SP

APOIO ADMINISTRATIVO

Celina Chrispim

Jeferson Bernardes de Souza

APOIO PARA A REALIZAÇÃO DO CURSO

Global Fund for Women

Instituto Brasileiro Bioenergético.

APOIO PARA SISTEMATIZAÇÃO E PUBLICAÇÃO

Ashoka – Empreendimento Social

CFP – Conselho Federal de Psicologia

Global Fund for Women

OPAS – Organização Panamericana de Saúde



REALIZAÇÃO

INSTITUTO AMMA PSIQUE E NEGRITUDE

WWW.AMMAPSIQUE.ORG.BR

AGRADECEMOS AOS PARTICIPANTES

**PELA CORAGEM DE OLHAR PARA SI E PARA O OUTRO,
PELA GENEROSIDADE EM COMPARTILHAR EXPERIÊNCIAS,
PELA CRIATIVIDADE E COMPROMISSO DIANTE DO TEMA RAÇA/ETNIA.**

CRÉDITOS:

COORDENAÇÃO EDITORIAL:

**MARIA LÚCIA DA SILVA
JUSSARA DIAS**

EDIÇÃO E ENTREVISTAS:

**FERNANDA POMPEU
FPOMPEU@UOL.COM.BR**

ASSESSOR DE COMUNICAÇÃO

**PAULO LIMA
PAULO@REVISTAVIRACAO.COM.BR**

PROJETO GRÁFICO E FINALIZAÇÃO:

**ANGELA MATTOS
ANGELA@AM3ARTES.COM.BR**

REVISÃO:

**CAROLINA LOBO
KROLOBO@YAHOO.COM.BR**

*Todas as fotos foram feitas pela equipe durante o curso com a
autorização das(os) participantes.*

*Todos os desenhos contidos nesta publicação são de autoria
das(os) participantes do curso.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial

Os efeitos psicossociais do racismo / [Edição e entrevistas de
Fernanda Pompeu] – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado
de São Paulo : Instituto AMMA Psique e Negritude, 2008.
88p. : il.

Vários entrevistados.

Vários depoimentos.

Glossário.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7060-597-9

1. Discriminação racial – Brasil 2. Racismo – Psicologia social
3. Racismo – Sociologia I. Pompeu, Fernanda

CDD 305.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Discriminação racial 305.8

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional (Lei nº 10.994, de 14/12/2004)
Impresso no Brasil 2008

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610/98


Instituto Amma Psique e Negritude
Avenida Dr. Arnaldo, 2.083
01255 000 São Paulo SP
www.ammapsique.org.br
ammapsi@uol.com.br
Fone/Fax 11 3865 9305

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1.921 Mooca
03103 902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br
livros@imprensaoficial.com.br
SAC Grande São Paulo 11 5013 5108 | 5109
SAC Demais localidades 0800 0123 401

Título Os Efeitos Psicossociais do Racismo
Formato 21 x 28 cm
Tipologia ITC Legacy Sans
Diotima
Papel miolo Offset 90 g/m²
Papel capa Triplex 250 g/m²
Número de páginas 88
Tiragem 2500

Esta publicação foi possível graças a um
programa de Responsabilidade Social da

imprensaoficial



ctp, impressão e acabamento

imprensaoficial

Rua da Mooca, 1921 São Paulo SP
Fones: 2799-9800 - 0800 0123401
www.imprensaoficial.com.br



Publicar livros com os conhecimentos
e as experiências adquiridas pelo
3º setor é mais um compromisso social
assumido pela Imprensa Oficial.

io | **Imprensa social**